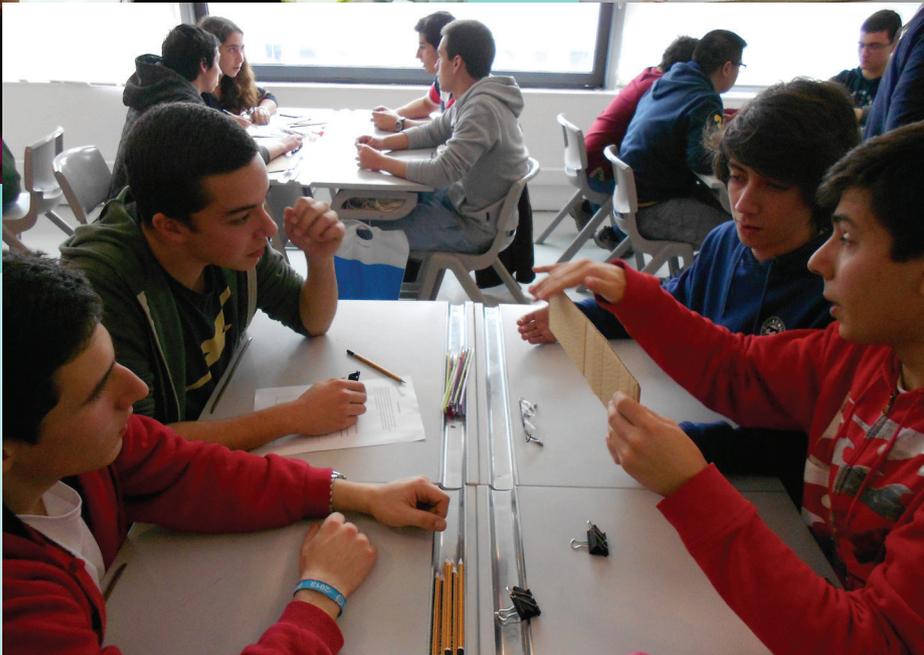


# gazeta Valsassina

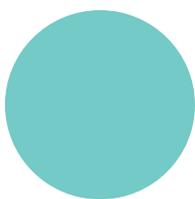
**Abril 2014 . n55**



COLÉGIO  
VALSASSINA



**Crescer aprendendo**



# Índice

Editorial	1
Em memória do Prof. Henrique Marques	2
Manuel Heitor	4
Quando cá chegares, logo vês	5
Aprender hoje (para aplicar amanhã)	6
Entrevista com o Neurocientista Rui Costa	8
Crescer a aprender... ciência!	10
Projeto Aula Aberta: Ensino-aprendizagem de Matemática	12
A Ordem das Dezenas (parte I)	14
25 anos depois da 1ª medalha de ouro nas Olimpíadas da Matemática	16
10 anos depois da 1ª Medalha de Ouro nas Olimpíadas do Ambiente	16
Voluntariado “entre semelhantes”	17
Entrevista com escritora Maria João Lopo de Carvalho	18
Língua materna, língua de afetos	20
Escrever com criatividade	22
Faça lá um Poema	23
Valsassina “adoptou” a Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves	24
Desenho – O rosto humano	25
50 anos de Educação pela Arte no Valsassina	26
As artes no (nosso) mundo	28
Expressar artisticamente uma história de turma...	29
Júnior Business Challenge	30
Entrevista a António Mateus	32
Parlamento dos Jovens	34
My book review: The Hobbit by J.R.R Tolkien	36
Public Speaking	36
Do outro lado do muro	38
Recados ambientais	39
Floresta comum	39
Sciencecalifragilistic – uma viagem ao método científico	40
Sinagoga “Portas da esperança”	41
Avaliação Externa – Universidade de Oviedo – Apresentação dos resultados 2013	42
Quadro de Honra 1º P 2013   2014	44
Alunos do Valsassina foram finalistas do Júnior Business Challenge	45
Prémio criatividade 12º2 – ISG	45
Visitas de estudo – uma valiosa metodologia de aprendizagem	46
Colégio em ação...	47
Viagem de Finalistas 9º ano	48
Viagem de Finalistas 12º ano	49
Aconteceu...	50
Aconteceu no desporto...	52

## FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**  
**Maria Alda Soares Silva** e seus Alunos  
Diretor **João Valsassina Heitor**  
Diretor Editorial **João Gomes**  
Projeto Gráfico e Paginação **Sandra Afonso**  
Impressão **idg – Imagem Digital Gráfica**  
Propriedade **Colégio Valsassina**  
Tiragem **1400** exemplares

Colégio Valsassina  
Quinta das Teresinhas 1959-010 Lisboa  
218 310 900  
218 370 304 fax  
geral@cvalsassina.pt  
www.cvalsassina.pt

# editorial

João Valsassina Heitor Diretor pedagógico

“Aprender crescendo” aplica-se às mais diversas situações da nossa vida. Desde que nascemos que vamos crescendo aprendendo com as pessoas que nos rodeiam, família, amigos e professores. Permitam-me que hoje dedique o editorial a um grande amigo meu e deste colégio que ensinou a muitos alunos o gosto pela matemática e os ajudou a crescer e a serem homens e mulheres mais preparados para os desafios da vida. Refiro-me ao Eng<sup>o</sup> Henrique Marques, ou mais simplesmente ao Henrique ou “Rico” como mais intimamente alguns de nós lhe chamavam.

Crescer e aprender com o Henrique é sinónimo de matemática, política, futebol, grelhados, Praia das Maças, Valsassina, família e, o mais importante, amizade.

Conheci o Henrique como aluno do Colégio, ele pertencendo ao grupo dos mais velhos com os quais íamos aprendendo a crescer, a sermos homens. Nessa altura era meu professor de Matemática o Pai dele, o grande Verol Marques, na altura considerado o “guru” da Matemática Moderna. Após esta fase viemos a encontrar-nos de novo no Colégio, mas agora ambos como professores de Matemática, tendo, a partir dessa altura, nascido uma grande amizade na qual ambos fomos sempre crescendo e aprendendo um com o outro.

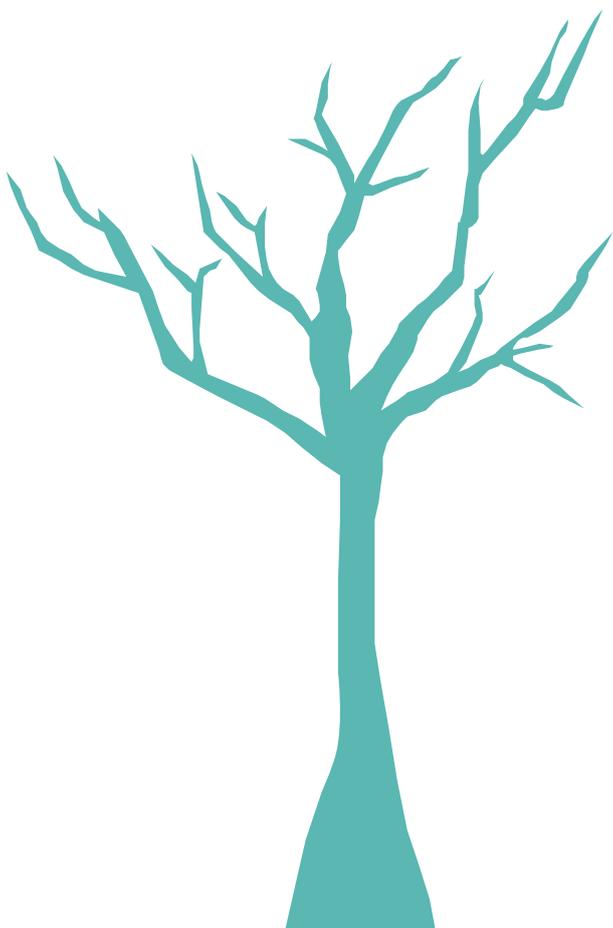
O Henrique foi uma das pessoas com quem aprendi o entusiasmo pela política. Recuando 30 a 40 anos lembro-me das constantes conversas em que me relatava as suas aventuras sobre a ida a comícios, as longas manifestações a pé, ou as lutas pela manutenção da democracia em Portugal e as lutas à porta de determinados comícios. As aventuras das reuniões partidárias, as fugas pelos telhados das sedes partidárias. As longas conversas e discussões, ao acompanharmos as noites dos resultados eleitorais ou dos debates entre líderes políticos. Como sempre, tudo era feito com grande paixão e entusiasmo.

O mesmo entusiasmo com que chegava ao colégio à 2<sup>a</sup> feira quando o seu Sporting ganhava. Igual ao Pai. Quando perdia, as aulas à 2<sup>o</sup> feira eram terríveis. Sendo nós os dois de clubes diferentes crescemos aprendendo a respeitarmos as opções de cada um. O desportivismo e o respeito pelas opiniões e opções dos outros era uma das suas qualidades.

Fomos crescendo e aprendendo, mutuamente, a fazer os nossos melhores grelhados no pinhal da Praia das Maças. A especialidade do Henrique eram os lombinhos e os secretos de porco preto. Empenhava-se, tal como dava uma aula de matemática. Tudo era feito de forma metódica. Era com orgulho que mostrava à família e amigos os seus cozinhados.

Com o Henrique também aprendemos o que é o sentido de humor, o gosto pela boa piada e pela ironia. Os intervalos na sala de professores e os jantares de Natal eram pródigos nas suas intervenções. Um conversador nato cujos temas acabavam quase sempre na política e no futebol.

Mas, fundamentalmente cresci, como muitos outros, aprendendo com o Henrique o sentimento da amizade e da reciprocidade. Nos bons e maus momentos estive sempre presente. Nunca esquecemos aqueles com quem aprendemos. Entre eles está o Henrique.



# Em memória do Prof. Henrique Marques

Um grande e inquestionável amigo

**Pedro Carvalho** Antigo aluno do Colégio Valsassina. Professor de Matemática. Coordenador de ano

Difícil, mas honroso é escrever sobre um grande e inquestionável amigo.

Recordar o Henrique é fazer um rewind de quarenta anos.

Conhecemo-nos no Valsassina, primeiro nas jogatanas de futebol no atual pátio da primária, mais tarde fomos companheiros nos antigos 6º e 7º anos e, posteriormente no Instituto Superior Técnico.

Desta altura recorde, com muita saudade, as noitadas de estudo em sua casa, por vezes com intervalos dedicados ao King, jogado ao tostão. Aí já se percebia a sua vocação para os números...

De todo este convívio, nasceu uma forte e profunda amizade que foi cultivada no dia a dia, nos fins-de-semana, nas férias e viagens.

Falar do Henrique, é falar de uma pessoa de fortes convicções e de grandes paixões. Paixão pela família, paixão pela profissão, pelos seus amigos e claro pelo nosso Sporting. Neste caso, foram inesquecíveis os inúmeros jogos que assistimos ao vivo ou no conforto do sofá, as suas hilariantes superstições ("Eh pá, o Sporting marcou um golo, agora ninguém muda de lugar até ao fim do jogo!!!"), assim como os intermináveis comentários, ao telefone, quando não era possível estarmos juntos.

Amigo do seu amigo, mas intransigente nas amizades, a nossa relação sempre se pautou por uma compreensão e respeito mútuo. "Patron", era a forma afetuosa com que muitas vezes me tratava. Apesar de nem sempre compreendido, devido ao seu forte carácter, dentro do seu ciclo de amigos proporcionava momentos agradáveis, com sentido de humor cáustico e longas e interessantes conversas.

Como qualquer professor não conseguia agradar a todos os alunos, mas era extremamente preocupado com todos eles, mesmo com aqueles que o desiludiam nas suas expectativas. De certeza, que em muitos deles terá deixado o seu cunho pessoal de rigor, a perseverança e a determinação em ultrapassar os obstáculos com sucesso. Também estes o irão recordar como um amigo. É triste ter saído tão cedo do nosso convívio.

Conhecido por todos como 'Stor' Verol, foi um dos professores que mais me marcou ao longo dos 15 anos que andei no Colégio. Quem o conhecia bem sabia que tinha uma personalidade muito forte e que mantinha sempre a sua postura. Sempre soube impor o respeito e não gostava que alguém jogasse um bocadinho fora de campo.

E por falar em campo, todos sabíamos que o Sporting era uma das suas grandes paixões! Esta não partilhávamos, visto que eu sou uma benfiquista ferrenha, mas partilhávamos aquela que preenchia as várias horas que estávamos juntos por semana: a Matemática. Não havia dúvidas de que gostava de ensinar e que fazia aquilo com o à-vontade de quem discute táticas de futebol com os amigos. E, no fundo, o Stor Verol não só ensinava, como discutia Matemática com os seus alunos.

Tive sorte e consegui sempre manter uma relação de aluna-professor muito saudável, a que, hoje em dia, acho que posso chamar relação de amigos!

**Teresinha Douwens** (como o Stor Verol sempre me chamou). Antiga aluna do Colégio Valsassina. Atualmente frequenta o 2º ano do curso de Gestão na Universidade Católica

Um professor próximo da turma, com as suas brincadeiras constantes, preocupação que ultrapassava todas as obrigações de um professor e o seu fanatismo pelo grande Sporting que alegrava as nossas aulas. **Patrícia Nascimento 12º1A**

Henrique Trem Verol Marques. Nasceu em Lisboa, em 19 de setembro de 1954.

Foi aluno do Colégio Valsassina entre 1959 e 1971.

Em 1979 licenciou-se em Engenharia Civil pelo Instituto Superior Técnico.

Em setembro de 1996 regressou à sua escola, ao Valsassina. A partir de então passou a ser o "Stor Verol". Um professor rigoroso, apaixonado e amigo do seu amigo.

Numa entrevista publicada no Jornal de Notícias em outubro de 2012, por ocasião do 1º lugar no ranking na disciplina de Matemática, realçou: "o sucesso é fruto da união que existe não só entre alunos e professores, mas entre os professores". "Ninguém consegue sucesso seja no que for se não houver espírito de equipa". No dia 8 de fevereiro de 2014 deixou-nos fisicamente. A presença e o espírito de equipa continuam vivos...



Em 1963 frequentava a 4ª classe.



Henrique Marques, com 13 anos, estava no 4º ano do liceu.

## O “Rico”

**Maria Alda Soares Silva** Diretora dos Departamentos Didáticos

Os antigos alunos mantêm sempre na minha memória o rosto, a imagem que tinham quando eram meus alunos. Se hoje os encontro, em diversas circunstâncias, acontece-me ver as duas imagens – a do presente e a do passado. Esta última muito mais nítida. Consigo lembrar-me da sala, do lugar onde se sentavam, das aventuras e episódios em que participaram, das viagens de finalistas...um sem-número de recordações.

Assim acontece com o Henrique, para mim sempre o Rico, nome carinhoso que trouxe de casa para o Colégio.

Conheci-o com 10 anos. Era um rapazinho de belos olhos verdes, com uma expressão meiga e um sorrisinho tímido. Sempre me tratou por “Stora”, tratamento instituído pelo pai, meu colega e grande amigo, Henrique Verol Marques. Respeito e amizade, mas nunca distância.

O Rico foi meu aluno de Francês durante anos. Tirei-lhe dúvidas de Português e lembro-me de o ver na minha casa, antes da explicação, a brincar com o meu filho mais velho, então com dois ou três anos.

Assisti às orais do seu 5º ano, aos êxitos na Matemática que deixavam o pai tão orgulhoso, à sua entrada no IST, a todo um percurso académico, familiar e profissional. Fiel e seletivo nas amizades, fiel ao seu Clube e às opções políticas.

Com os anos foi-se tornando cada vez mais parecido com o pai: nas piadas, na entrega ao trabalho, na maneira de dar aulas e de se sentar na sala dos professores, nos gestos, nas observações escritas nos testes, ao sabor da fúria face ao erro ou da admiração perante um raciocínio brilhante!

Para além de ter sido meu colega, foi também encarregado de educação de alunas da minha coordenação. Todavia, o Henrique nunca deixará de ser para mim, o Rico, meu aluno desde 1965, ano em que entrei para o Colégio!

Outubro 2012



De um rigor extremo (era capaz de apagar 3 vezes o quadro para obter 2 retas exatamente perpendiculares). Os desafios constantes, em particular quando apresentava um exercício dizendo que nenhum aluno o conseguiria resolver!

**Madalena Oliveira e Costa** Antiga aluna do Colégio Valsassina. Atualmente frequenta o 2º ano do curso de Gestão na Universidade Católica

Chegámos ao secundário com o nervosismo e a ansiedade que caracterizam o início de uma nova fase das nossas vidas. Ao entusiasmo por dividir a turma com novas caras, juntava-se a curiosidade de conhecer um novo mundo de disciplinas e um painel renovado de professores.

Apesar da matemática ter sido desde sempre uma das nossas matérias preferidas, não podíamos, tal como tantos colegas, esconder o medo de enfrentar uma disciplina que iria ser tão determinante na nossa formação, e cuja exigência era já conhecida por todos.

Foi com todos estes sentimentos como pano de fundo que conhecemos o Professor Henrique Verol Marques. Apresentou-nos, então, a disciplina que nos iria acompanhar durante os três anos seguintes. E quando dizemos disciplina reconhecemos nesta palavra a virtude de se referir, de uma só vez, às matérias que estudámos e à forma como este Professor nos incutiu o gosto por elas.

O primeiro ano, marcado pela adaptação a uma exigência que em todos os momentos nos convidava à excelência, deu lugar a um ano em que, tendo já encontrado o ritmo de trabalho necessário a atingir o sucesso, pudemos aplicá-lo a toda a vida académica. O terceiro ano com o Professor Verol, como lhe chamávamos, fez crescer em nós o reconhecimento pelo trabalho realizado conosco e a certeza de que tinha sido um privilégio poder aprender a ser aluno e a ser pessoa, seguindo o seu exemplo.

A exigência que esteve sempre presente em tantas horas de aulas transparecia a nível académico, é certo, testemunhando sempre que apenas através do trabalho empenhado seríamos capazes de obter resultados; mas também a nível pessoal, dando-nos permanentemente um exemplo de integridade, honestidade e humildade, tomando como seus cada um dos nossos sucessos.

É com orgulho que afirmamos que conhecemos o homem, para além do Professor, pois a cada aula, a cada expressão mais pessoal, a cada brincadeira, a cada alcunha, ou até comentário desportivo, que deixava escapar entre teoremas, equações e tantos exercícios, nos ia educando pela sua postura, tão apaixonada pela matemática como por cada um dos seus alunos.

Sáímos do Colégio agradecidos e confiantes. E se alguns já esqueceram a diferença entre arranjos e combinações, alguma regra de derivação ou um número mais complexo, temos a certeza de que todos mantemos e manteremos vivo o agradecimento pelo nosso Professor Verol, tal como o desejo de continuar a colher os frutos da exigência, enquanto alunos, profissionais e pessoas.

**André Nascimento e Marta Magalhães Silva** Antigos alunos do Colégio Valsassina. Atualmente estudantes do 3º. ano de Engenharia Civil e Arquitetura, respectivamente

# em destaque **Do ateliê de pintura aos laboratórios de ciências experimentais: aprender, apreender e empreender**

**Manuel Heitor** Professor, Instituto Superior Técnico

Foi há 50 anos que o Ateliê de Pintura do Valsassina foi formalmente criado como um espaço autónomo. Era nessa altura um projeto inédito, de espectro amplo para a época, tendo-se afirmado ao longo dos anos com base num espaço inovador de criação e experimentação, inspirado em conceitos modernos de compreensão do papel da escola no ensino e na aprendizagem dos mais novos.

Inspirado na pedagogia construtivista de Piaget e conjugando os princípios de liberdade de educação de A.S. Neill, assim como da prática da escola Summerhill (em Suffolk, no Reino Unido), o Atelier de pintura e o movimento associado de “Educação pela Arte” lançados nos anos 60 no Valsassina representam a matriz mais nobre da educação contemporânea. Estimulam o “aprender a fazer”, exploram os limites da criatividade humana e foram seguidos e sistematicamente melhorados por processos contínuos de observação e investigação.

Podemos no entanto perguntar: o que tem a prática do ateliê a ver com o ensino e as indecisões que tanto afectam muitos dos nossos jovens?

Tendo por base o trabalho pioneiro de João dos Santos<sup>1</sup>, a “educação através da arte é a que melhor permite a exteriorização das emoções e sentimentos e a sublimação dos instintos. [...] é melhor fazer do que pensar, é melhor falar que fazer, ou dito de outra forma: é melhor exprimir as emoções do que retê-las e inibi-las”. Ou seja, “é através da via emocional que a criança aprende o mundo exterior”, desempenhando a educação através da arte e a prática autónoma do desenho e da pintura infantil um papel crítico neste processo. A criança no ateliê “aprende movimentando-se, constrói, imita, imagina e é criadora, mas precisa sobretudo de sentir liberdade e aceitação para o fazer”.

Mas a “arte da criança” e a prática sistemática do desenho e da pintura é gradualmente reduzida a partir dos 10 anos, sendo sistematicamente desalojada de atividades lógicas. Qualquer que seja a sua justificação, a prática autónoma da atividade experimental deve ser continuada e estimulada, sendo o papel dos laboratórios de ciências experimentais gradualmente mais crítico na formação dos adolescentes, de uma forma a dar continuidade ao ateliê. Mas porquê?

É hoje claro que a capacidade de aprender é a forma de garantir uma flexibilidade sustentada capaz de dotar indivíduos e organizações dos instrumentos necessários para enfrentar a instabilidade de emprego ou, de forma mais geral, a inevitável mudança das tecnologias, dos gostos, dos mercados e das necessidades.

Embora a educação represente apenas uma das faces de um prisma complexo de políticas públicas e iniciativas privadas necessárias para implementar um paradigma de flexibilidade sustentada, parece cada vez mais importante garantir a sua valorização, não só tendo em conta aspectos económicos, mas também

as vertentes cultural, de participação cívica e de envolvimento social. Neste contexto, a questão de base passa por perceber se o ensino deverá representar mais do que a entrega de uma qualificação formal específica, passando a transmitir a capacidade mais genérica de aprender, para o que o ensino experimental pode representar um agente facilitador de uma nova cidadania.

No que respeita às necessidades individuais, é claro que a importância das competências “nucleares” tradicionais em literacia e numeracia não deixaram de ser centrais ao processo de aprendizagem, mas exigem continuamente novas metodologias de forma a conciliar o seu desenvolvimento com a necessidade de desenvolver outras competências, nomeadamente de âmbito social e, sobretudo, o prazer de aprender<sup>2</sup>.

Neste contexto, mais importante que listar um inventário de disciplinas, importa debater o processo de aprendizagem e o modo de adquirir as competências “nucleares” juntamente com a literacia digital, a autoconfiança e a capacidade de trabalhar em equipa, assim como a adaptação à mudança e a valorização dessa mudança, num contexto em que a assunção do risco assume progressiva importância. Citando um provérbio chinês<sup>3</sup>:

**Explica-me e eu esqueço,  
Mostra-me e eu lembro,  
Deixa-me fazer eu próprio e eu compreendo.**

É ainda neste contexto que a prática do ateliê, na sua matriz inspiradora da atividade experimental, estimula o ensino orientado por problemas/objectivos, no âmbito do qual o ensino tradicional com base na aprendizagem sequencial de várias matérias, é substituído por metodologias baseadas em projeto, que implicam a identificação e descoberta pelo aprendiz dessas mesmas matérias, de uma forma que estimula a capacidade de apreender e de assumir riscos num contexto de estímulo a comportamentos mais autónomos.

E como transformar esse processo de aprender e o esforço de apreender na capacidade de empreender? Este é o desafio que leva pais e educadores a pensar e fazer atividades com os mais novos para lhes abrir horizontes, estimulando a imaginação, o espírito de iniciativa e a cultura científica, de uma forma que os leve a apreender conceitos que fomentem sociedades criativas. É neste processo que a compreensão dos princípios do desenvolvimento da ciência moderna, associados à sua avaliação e monitorização continua, juntamente com a necessária compreensão de valores sociais e éticos essenciais a uma sociedade mais justa e equilibrada, condicionam a Escola. E portanto, os valores para os quais temos de compreender a forma de educar os nossos filhos e afirmar a competitividade das nossas empresas e instituições.

# Quando cá chegares, logo vês

Patrícia Reis Escritora



**“... crescemos e aprendemos, aprendemos a tomar conta uns dos outros.”**

Todos os dias aprendo mais e aumento, em número significativo, as interrogações, dúvidas e até receios. Parece-me que é algo que sucede a todos. Quando se tenta acompanhar o crescimento e dar educação a um adolescente, este tipo de observação cai por terra. Uma mãe pode esforçar-se para falar com um adolescente que é o mesmo que dar banho a um peixe? Não. Ou melhor, depende dos dias. Um adolescente é alguém que está numa fase de crescimento e procura um lugar no mundo.

Quando era adolescente, igualmente na busca de um sentido, ouvi muitas vezes a seguinte frase: “Quando cá chegares, logo vês.” O “cá” era a idade adulta. Nessa altura, uma pessoa com a minha idade actual, 43 anos, era “velha”. É chata. É também um cliché nos adolescentes, também os têm, embora reclamem a sua autonomia em permanência.

As notícias que nos assaltam diariamente atingem os mais novos e estes, muito cedo, aprendem que o “mercado profissional” é exigente, que têm de fazer “mais e melhor”, que é preciso “ter sorte”. Apesar das realidades económicas e outras, sempre pensei que a melhor coisa que podia acontecer era crescer e aprender. Sempre. Não apenas na vida de uma criança ou adolescente, na vida de sempre, até deixar de ser vida. E, nesse sentido, tento educar os meus dois filhos. Não fiz um excell para programar a vida dos rapazes, tão-pouco peço performances académicas extraordinárias. Sempre lhes disse que a diferença entre ser-se rico ou pobre se mede pela cultura que se adquire com a idade, com a passagem dos anos. Aprendi, crescendo como mãe, que a liberdade e a criatividade são essenciais no exercício do amor e confiança que desejamos ter na relação com os filhos. Aprendi ainda que, tal como os adultos, há dias em que estão em melhor forma. Aprendi que sabem mais sobre nós do que julgamos. Estou convicta de que a frase “conheço-te como a palma das minhas mãos”, dita e repetida por tantos pais (e por mim), está errada. Quem nos conhece muito bem, quem sabe como reagimos, quem sabe prever as acções imediatas (ou frases!), são os nossos filhos. Eles é que nos conhecem “como a palma da mão”.

A outra frase, a que ouvi várias vezes, “quando cá chegares, logo vês”, é outra conversa. Uma vez mãe, adulta, percebi o que me queriam dizer. Os adultos continuam a crescer e a aprender, assumem a responsabilidade de educar crianças e tentam fazer o seu melhor. Eu tento. Às vezes, não chega. Outras, são os nossos filhos que nos alertam para o mundo. Ontem, um rapaz em plena adolescência, com a mania do isolamento, de se vestir de preto, disse-me: “Tu devias trabalhar menos, preocupar-te menos. Reparei que estás muito magra e, por isso, comprei-te um presente. Ainda está quente.” E com esta frase entregou-me um saco com um croissant quente. De chocolate. Sim, crescemos e aprendemos, aprendemos a tomar conta uns dos outros.

<sup>1</sup>João dos Santos (2009), “É através da via emocional que a criança apreende o mundo exterior”, Organização de Paula Lobo, Assírio e Alvim.

<sup>2</sup>Philippe Meirieu (2014), “Le Plaisir d’Apprendre – Manifeste”, Édition Autrement, Paris.

<sup>3</sup>Provérbio atribuído a Lao-Tsé (-570 to -490). Citado, entre outros, por Kate Torkington (1996), “The Rationale for experiential/participatory learning”, Early Childhood Development, Bernard van Leer Foundation.

# em destaque Aprender hoje (para aplicar amanhã)

Maria Alda Tojal Lojã Soares Silva Diretora dos Departamentos Didáticos do Colégio Valsassina

“... Quem não inova perde o comboio do sucesso.”



Alunos em trabalho de campo para uma investigação científica.

Nos dias de hoje, o Educador, quer seja pai ou professor, enfrenta-se com a missão de preparar/formar os seus filhos ou alunos para um futuro incerto, num mundo em rápida mudança.

Mais do que nunca, necessita de os ajudar a adquirir competências que, não obstante as circunstâncias que irão enfrentar, serão fundamentais para o seu futuro.

Muitas instituições internacionais têm vindo a publicar artigos interessantes que têm por objetivo preparar as escolas e as famílias para que se impliquem neste processo e que, nas suas linhas gerais, podemos sintetizar no seguinte:

As crianças e os jovens têm de tomar consciência da sua capacidade para desempenhar um papel ativo como **estudante**, como **cidadão**, como **trabalhador** e como **pessoa**.

Desde muito cedo, têm de ser estimulados para saber formular **questões críticas**, formular **problemas**, o que desenvolverá o seu **pensamento crítico** e a sua capacidade de decisão e de resolução de problemas.

A capacidade de ter **iniciativa**, de agir com **determinação** para atingir objetivos, deve ser fomentado desde muito cedo. Como? Dando-lhes espaço e tempo para as pequenas e grandes escolhas. Deixar que realizem tarefas de forma individual, do princípio ao fim, sem receber ajuda ou apoio.

Podem ter insucesso? Sim, mas é preciso desdramatizar o erro, porque este pode e deve ser fonte de aprendizagem. A consciência de que muitas vezes se erra gera uma atitude de **humildade**, de **paciência**, em relação aos próprios erros e aos dos outros.

A **curiosidade** e a **imaginação** também se podem ir desenvolvendo pelo **diálogo** em família e na escola, pelo desafio para a **descoberta**, para a **observação** do que nos rodeia.

Tony Wagner, no seu livro *Creating Innovators*, Scriber/Simon&Shuster, chega à conclusão que “*brincadeiras criativas levam a interesses profundos que, na adolescência e na idade adulta, revelam um propósito firme para a carreira profissional e para objetivos de vida*”. (texto adaptado)

E acompanhar todo este processo com incentivo à **comunicação**, oral e escrita, com um cunho pessoal, com **eficácia** na expressão das ideias e dos sentimentos. Da parte do educador tem de haver a **paciência da espera**, a abertura para o **raciocínio divergente**, para ouvir os argumentos, ainda que nem sempre formulados da melhor maneira. Só assim se pode contra-argumentar, se for o caso, só assim se fomenta a partilha e o conhecimento recíprocos.

Se é um dado adquirido que vivemos numa sociedade em que o conhecimento é global, a capacidade de **pesquisar**, **aceder**, **selecionar** e de **analisar a informação** tem de ser desenvolvida, desde o momento em que a criança começa a contactar com as várias fontes de informação. Eles estão expostos a fatores como o facebook, twitter, instagram, que lhes trazem imagens de todo o mundo e mensagens que se distribuem a uma velocidade impensável. Nada voltará a ser como no passado e a escola também se adapta a estas mudanças, mudando estratégias na sala de aula, apresentando desafios, aberta à inspiração e à colaboração entre os alunos e os professores.

#### BIBLIOGRAFIA

Um Mundo, Uma escola: A Educação Reinventada, Salman Khan, Paper Back, ed. Intrínseca (português do Brasil)

[http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/salman\\_khan](http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/salman_khan)

Future Work Skills, 2020 – University of Phoenix (2011)

Tony Wagner, *Creating Innovators*, Scriber (2013)

Tony Wagner, <http://youtu.be/hvDjh4l-VHo>

Sir Ken Robinson, [http://www.ted.com/playlists/124/ken\\_robinson\\_10\\_talks\\_on\\_educ.html](http://www.ted.com/playlists/124/ken_robinson_10_talks_on_educ.html)

O **trabalho cooperativo**, o recurso a **plataformas** que facilitam a relação entre as pessoas, podem ser vistos como uma mais valia a aproveitar, como estímulo à **criatividade**, à **inovação** e isso é o oposto de copiar, de plagiar. A honestidade intelectual tem de ser um valor a defender, tal como o respeito pelos bens materiais do outro.

Na escola, a **partilha interdisciplinar** e a **motivação intrínseca** são também determinantes para uma cultura de inovação.

Os projetos que estamos a desenvolver no **Valsassina**, em todos os ciclos, e que lançam desafios muito diferenciados, procuram seguir estas orientações, no domínio do **aprender a empreender**, no da preservação de recursos naturais tendo em vista a **sustentabilidade**, no **ensino das línguas** e também no da **educação artística e estética**.

Cito apenas alguns dos projetos que considero exemplares para a demonstração do que se está a fazer no Colégio em colaboração com outras entidades como Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Champalimaud, Media Lab (DN), Ciência Viva, Eco-Escolas, Unesco, AIP, etc.

Neste número da Gazeta incluímos pequenos depoimentos de alunos que, em anos e ciclos diferentes, têm estado envolvidos em projetos em diferentes disciplinas.

Concluindo: As palavras-chave da Educação para o Futuro que deverão pautar o trabalho dos Educadores serão a **Autonomia**, a **Adaptabilidade**, a **Comunicação**, **Relação interpessoal**, **Criatividade**, **Sentido Crítico**, **Inovação**, **Tolerância** e **Espírito de Equipa**.

Seja qual for a área do conhecimento, seja em casa, seja na escola, temos o dever, como educadores, de prepararmos as nossas crianças e jovens para o futuro próximo em que a “estabilidade é um equilíbrio dinâmico, não estático e quem não inova perde o comboio do sucesso.”

Desde que sou aluna do Colégio, já participei em alguns desafios, a maior parte deles relacionados com o ambiente. E não me arrependo de ter participado! Nos projetos que integrei, experienciei um novo tipo de aprendizagem, mais dinâmica e interativa, completamente diferente daquele que estava habituada. Tive a chance de ver com os meus próprios olhos o mundo que me rodeia, e não apenas por intermédio de livros. Aconselho a qualquer um que tenha oportunidade para participar nos desafios como eu participei – decerto que não se irão arrepender.

**Mariana Monteiro 12º1A**

Desde cedo que comecei a participar em projetos extracurriculares do colégio que contribuíram positivamente para o meu desenvolvimento pessoal, e com os quais adquiri competências bastante importantes para a minha vida académica. Ainda me lembro das dificuldades e nervosismo que senti quando estava no 2º ciclo, e fui convidado, pelo professor João Gomes e nosso “mentor dos projetos”, para participar na primeira conferência fora do Colégio, e penso no que evolui desde aí. Todo o ritmo de trabalho que tive de adotar em investigação para participar nos projetos, por exemplo, no programa Eco-Escolas, a capacidade de falar em público que desenvolvi, nas conferências e nas mostras de ciência em que me envolvi deram-me um grande impulso para me adaptar ao ensino secundário, e estou consciente que me irão auxiliar na minha vida futura, quer no ensino superior, quer no mundo profissional.

**Manuel Costa Portela 12º1B**

A participação ativa em projetos, como Eco-Escolas, ações de voluntariado ou projetos de ciências, despoletou em mim um sentido de responsabilidade, maturidade, soli-

dariedade, intervenção, colaboração, elementos chave necessários para integrar a sociedade. **Alexandra Pereira. 12º1B**

Durante o meu percurso no Colégio, participei em inúmeros projetos de diferentes áreas. Aquando da minha primeira participação, o primeiro sentimento que tive foi o receio de falhar. Mas, ao longo do tempo e da minha participação em projetos, este medo transformou-se em criatividade. Aprendi a trabalhar melhor em grupo, a trabalhar sob pressão e ansiedade, a organizar melhor o tempo na realização de um trabalho, a ser mais comunicativa e a saber apresentar os projetos. Hoje sinto que estou preparada para iniciar o meu percurso no mundo universitário e laboral, porque todos estes projetos melhoram competências que me serão bastantes úteis para entrar neste mundo com o pé direito.

**Catarina Pauleta 12º1A**

O Colégio tem-nos proporcionado participar em projetos não só de cariz académico e/ou científico como também pessoal. O “estágio” que tive, numa fase de grandes dúvidas acerca do curso (final do 10º ano), ajudou-me a abrir horizontes, possibilitou-me o contacto com profissionais em várias áreas e mostrou-me outro lado do mundo do trabalho. Para além disso, com os projetos de Biologia, nos quais nos envolvemos a partir do 10.º ano, sinto-me mais preparada para a vida académica e profissional. Estabelecí contactos com Universidades, laboratórios, pessoas especializadas em diferentes áreas, aprendi a comunicar trabalhos científicos oralmente e por escrito (em artigos, relatórios ou posters).

**Carolina Fonseca 12º 1A**

# em destaque **Entrevista com o Neurocientista Rui Costa**

Rui Costa é investigador principal do Programa de Neurociências da Fundação Champalimaud. O seu trabalho está publicado em inúmeros artigos científicos e tem recebido vários prémios e bolsas. Recentemente foi-lhe atribuída uma bolsa do European Research Council. É o primeiro investigador português a receber pela segunda vez uma bolsa deste Conselho.

Tendo como ponto de partida o tema desta edição da Gazeta, fomos conversar um pouco com este neurocientista.

**“Dormir, comer bem, evitando gorduras como o colesterol, é muito importante para a formação de sinapses.”**

## O que o motivou a ser um neurocientista?

RC: É fácil responder a isso. Tudo o que nós somos, as coisas mais especiais do que somos e sentimos, para mim, tem a haver com o cérebro. E eu gostava muito também de comportamento animal. Adorava perceber aquelas “coisas” do National Geographic. Sempre gostei e ficava curioso acerca de como é que os animais conseguem fazer coisas tão extraordinárias. E tudo está ligado ao cérebro: “tenho fome, não tenho fome; amo, odeio; estou bem disposto, mal disposto; quero dormir, quero acordar; quero ver televisão...”. É tudo cérebro. O que nós somos é cérebro. E o que nós fazemos no mundo é cérebro. Procurar compreender como funciona é o que me motiva.

## O tema desta edição da Gazeta é “Crescer Aprendendo”. Na preparação para esta entrevista encontramos uma citação de uma neurocientista que afirmava “A imaginação cria condições de aprendizagem, enquanto a memória possibilita a aprendizagem”. O que significa aprender?

RC: Eu até iria mais além. A memória – há pássaros que se lembram de três mil sítios onde puseram nozes. E eu não me consigo lembrar onde às vezes deixei as chaves. Imagina que havia três mil sítios possíveis onde as chaves podiam estar. Tu sabias todos os sítios onde estavam. Isso é memória. O mais impressionante é conseguir lembrar-se e ir lá buscar. Isso é outra coisa. E depois utilizar a informação que temos em formas. Para mim, isso é que é mais interessante. Não é só lembrar-me que é importante, mas é utilizar aquela informação de uma forma nova, ou seja, às vezes em problemas em que vocês não conseguem resolver o problema de matemática. Estão ali encalhados, como se costuma dizer, porque aquilo não “entrou” da mesma forma do que os problemas que vocês estudaram. Mas, às vezes, se alguém explicar: “isto é a mesma coisa do que aquilo”....”Ah! Então já sei resolver tudo”. A dificuldade é utilizar...e o nosso ensino está muito baseado em automatizar as fórmulas e não em generalizar para novas formas. Portanto, eu acho que a imaginação é aquilo que nos permite construir novas potenciais realidades tendo como ponto de partida o que sabemos. Quer dizer, nós podemos imaginar vidas que nunca vivemos e isso é “porreiro”. Nós sabemos que não podemos ser tudo, mas, imaginem: se uma pessoa faz natação, imagina que vai ser campeão olímpico; imagina que um dia vai ser condutor de automóveis; ou vai ser atriz ou ator; ou um cientista famoso. Mesmo não sendo tudo, pode ter, na imaginação, vivido muito mais sonhos do que na realidade e isso é fantástico! Imagina que nós só podíamos ter a experiência daquilo que realmente viveu...

## Os estudantes “com mais capacidades” ativam mais áreas cerebrais ou é uma questão de ativar apenas as áreas corretas?

RC: Eu acho que são as áreas corretas e a variabilidade com que se ativam. Quando fazemos uma coisa pela primeira vez temos muitas áreas do cérebro em funcionamento, mas há medida que isso se vai tornando trivial, vão ficando cada vez menos áreas ativas. Por exemplo, ao praticar ténis, no início, é preciso muita atividade cerebral para se estar concentrado nos movimentos e acertar com a raquete na bola, mas quando já se é um jogador profissional, apenas uma pequena parte do cérebro consegue responder a todos os objetivos.

### O que é a inteligência?

RC: Eu definiria inteligência como a capacidade de utilizar informação que aprendemos, de uma forma nova, mas existem muitas formas de inteligência, como por exemplo, a emocional, o ser capaz de inibir os sentimentos imediatos, como raiva, humilhação, amor, etc. Realizar um desafio cujo qual já estamos treinados para ultrapassar não é, então, a mesma coisa que o executar quando nunca o havíamos experimentado antes. Nesta última situação estamos a utilizar a inteligência.

### O que nos leva a tomar uma decisão?

RC: Há muitas coisas que são influenciadas pelos estímulos que temos. Uma decisão de medo não é bem uma decisão. Se, de repente, aparecer um leão ao pé de nós, a primeira coisa que nos vem à cabeça e que decidimos fazer é protegemo-nos e fugirmos. Outras decisões são tomadas a longo prazo, ou seja, são decisões onde pomos em questão prós e contras, ou esforços e valores. Investigadores afirmam que existe(m) área(s) do cérebro que funciona(m) como “maestro(s)”, “ouve(m)” todas as outras áreas e tomam uma decisão, que depois se reflete num ato físico. No entanto, outros referem que não existe um “maestro”, mas sim competição, havendo no final, uma decisão vencedora.

### É frequente ouvirmos expressões como: “Usamos apenas 10% do nosso cérebro”. O que significa esta frase

RC: Eu considero que, de grosso modo, usar 10% do nosso cérebro, estará relacionado com a quantidade de áreas cerebrais ativas. Por exemplo, a dormir, usamos muito mais que 10% do nosso cérebro. Mas se nos perguntarmos: “Qual é a parte do cérebro que é necessário utilizar para tomar uma decisão, ou para fazer um certo movimento?”, a resposta será: Muito menos que 10% do nosso cérebro será usado para tal.

### Como é que as neurociências podem ajudar os professores a entender melhor a maneira como os alunos aprendem e mudar suas práticas para promover uma melhor aprendizagem?

RC: Eu acho que este é um dos temas mais importantes da neurociência, embora não seja muito falado. Toda a gente fala, por exemplo, da aplicação, não é? A doenças. Mas a maioria do que nós sabemos, sobre cérebro, devia de ser aplicado na educação e na tomada de decisão política. Há muitas coisas, por exemplo, a que horas é que vocês começam as aulas?

João: Às 8h30m.

RC: Que idade têm?

Alunos: 15

RC: 15... qual é a dificuldade, por exemplo, se olharem para o ano passado ou há dois anos, que vocês têm de se levantar de manhã?

Mariana: Eu acho que já é menos.

RC: Mas o ano passado ou há dois anos...

Ulisses: Em crianças era muito mais fácil e depois começou a ser mais difícil.

RC: Na adolescência, o cérebro quer dormir até mais tarde. É natural! Precisa de dormir mais horas e até mais tarde e nós começamos as aulas muito mais cedo do que devia ser. Portanto, na realidade, biologicamente, o cérebro não devia ter aulas às 8h30m da manhã, depois acelera por volta das aulas das 9h30m/10h. Depois entra a fome. E, por exemplo, quanta atenção é que se consegue ter? Atenção sustentada, alguns segundos, mas a um tema, mais ou menos vinte minutos. A cada vinte minutos devia de haver uma pausa. A mesma informação

é dada de uma forma muito massificada. Imaginem que vos digo uma coisa agora, outra daqui a bocado, outra daqui a dez minutos, outra daqui a... a mesma coisa; ou dizer agora, dizer amanhã e dizer depois de amanhã. Vocês lembram-se muito mais de uma informação espaçada. E nós sabemos que isso é diferente para as propriedades sinápticas e podíamos ir “por aí fora”, desde o tipo de atividade, a forma como são dados os testes, como são avaliar conhecimentos...Por outro lado, a idade em termos de anos não é a idade biológica. As pessoas atingem a puberdade em idades diferentes. Uns o cérebro já chegou ao máximo e está a começar a fazer o *pruning*, outros ainda está a crescer... mas todos vamos fazer exames na mesma idade. Não faz sentido, porque o objetivo não é quem aos doze anos sabe “isto”. É quando a pessoa, por exemplo, aos vinte “e tal”, chega ao fim da sua educação: atingir esta meta com vinte e seis anos ou vinte e quatro não é relevante! O que interessa é quão longe, em termos de conceitos se consegue chegar. Imaginem, por exemplo, que eu tenho de explicar à minha filha de três anos, um conceito que, geralmente, só crianças com cinco anos conseguem perceber. Agora vamos ver... em todas as crianças com três anos, o cérebro não está no mesmo grau de maturação, mas nós assumimos a idade cronológica e não a idade real. É irrelevante! Uma pessoa pode ser a que tem piores notas numa certa altura, ter dificuldades porque não está a “apanhar” a matéria, mas pode vir a ser uma pessoa melhor naquele tema, porque o cérebro ainda está a maturar e daí a uns anos pode “dar cartas”. Mas nós estamos logo a “cortar as pernas”.

### Fala-se muito da necessidade de fazer exercício, de não abusar do sal ou do açúcar como forma de prevenir de certas doenças. Já não é tão frequente falar sobre a saúde do cérebro. Que cuidados devemos ter com o nosso cérebro?

RC: Esse é um tema muito importante. Por exemplo, vocês fazem algum desporto?

Ulisses – Natação.

RC: Vocês fazem provas?

João: Não, mas já fiz.

RC: Faz sentido ser assim: amanhã têm uma prova e no dia anterior vão nadar 40 piscinas só para estar bem amanhã?

João: Não vai ser isso que vai melhorar o nosso resultado.

RC: Mas achas que vai piorar? Imagina que, num jogo de futebol, alguém diz assim “amanhã temos um jogo importante. Põe-te aí a correr vinte quilómetros”.

Ulisses: Vai cansar.

RC: Mas o que fazemos nós a estudar para os exames?!

Alunos: pois... a mesma coisa.

RC: “Amanhã tenho um exame...”

João: é o que vamos fazer hoje!...

RC: É difícil, percebes? No nosso sistema escolar não há aquele conceito de estudar, trabalhar e depois descansar que já existe noutros povos. Portanto corres, paras, corres. Podes fazer muita coisa, variar... E com o cérebro não temos esse cuidado. Por exemplo, nas aulas de educação física, se alguém mandasse correr os alunos durante uma hora inteira, era considerado um mau professor. Então e se alguém vos pedir para ficar a estudar durante uma hora o ciclo do pinheiro, ciclos da vida, ou o mesmo problema de matemática?

Em suma dormir, comer bem, evitando gorduras como o colesterol, é muito importante para a formação de sinapses.

**Catarina Soeiro. Mariana Carrasco. João Brito. Ulisses Ferreira. 10<sup>º</sup>IA**

# em destaque **Crescer a aprender... ciência!**

**Carla Carvalho** Equipa de Projectos Ciência Viva. Mãe e Encarregada de Educação de um aluno do 1º ano e de um aluno dos 4 anos



Quando eu era miúda, não havia muita oferta “científica” fora da escola. Não havia internet, nem televisão por cabo com muitos programas científicos (na verdade nem televisão a cores...), nem férias com actividades de ciência. Mas eu adorava ver os programas sobre animais ao fim de semana de manhã, ir ao Aquário Vasco da Gama, tentar dissolver moedas em casa e levar livros sobre a natureza para a praia, onde ia bisbilhotar algas, peixes e moluscos que ficavam nas poças de água que a maré deixava nas rochas. Já o “ser cientista” crescia dentro em mim. Depois tive a sorte de frequentar uma escola com fabulosos laboratórios e apaixonar-me pela Química. Fui uma privilegiada.

Hoje há muito por onde escolher: festas de aniversário educativas e museus fascinantes; demonstrações divertidas e actividades interactivas; teatros e tempos livres com muita ciência. Iniciativas que maravilham crianças e pais. Contudo, aprender ciência não é só fazer pega-monstros, vulcões ou caviar de fruta (embora tudo isso o seja...). Aprender ciência também é saber apreciar a beleza agreste dos relâmpagos, questionar o desaparecimento do açúcar na água, admirar o vermelho do tomate, o verde das folhas ou, em dias de muita sorte, belos arco-íris no céu azul. É compreender que é importante respeitar todos os seres vivos (sim, as formigas também) e eventualmente (não) entender a imensidão do universo e que não fazemos ideia se e onde termina, é aceitar a dimensão humana e a complexidade que nos caracteriza.

De acordo com Gopnik e seus colegas<sup>1</sup>, o modo das crianças investigarem o mundo é em muito semelhante ao dos cientistas, com as suas experiências, observações e confirmação ou não de teorias: “**não é que as crianças sejam pequenos cientistas, os cientistas é que são crianças grandes**” e “os bebés e crianças pequenas são como o departamento de I&D da espécie humana”... Talvez por isso os miúdos gostem tanto de “experiências” e o meu filho mais velho, que está no 1º ano, esteja sempre a pedir-me para as fazer em casa... Levando esse interesse precoce a sério, quando o meu filho mais novo, hoje com uns orgulhosos 5 anos, ainda estava na creche, pediram-nos para apresentar a nossa profissão. Receei que experiências com miúdos tão pequenos não dessem bom resultado. Mas claro que deram... Adoraram. Fascinaram-se com os óculos de laboratório. Viram a solução do pigmento da couve roxa (antocianina) a mudar de cor quando adicionaram sumo de limão. Acharam piada ao vulcão de bicarbonato e vinagre. Poderão não ter percebido os porquês, mas apreciaram a ciência que foi até eles.

No Colégio, no 1º ciclo já se aprendem muitas coisas de cariz científico, mesmo sem as crianças se aperceberem exactamente disso. E o ensino das ciências no Valsassina vai evoluindo até no secundário haver já uma abordagem muito intensa sobre o que é investigação “à séria”. Exemplos disso são os fabulosos (e premiados) trabalhos apresentados pelos alunos deste Colégio em várias iniciativas nacionais e internacionais, como por exemplo o Concurso para Jovens Cientistas e Investigadores.



Estudar ciências exactas e naturais desenvolve a curiosidade e o pensamento crítico, estimula o interesse pelo mundo que nos rodeia. Desenvolve a organização mental e a objectividade e estimula a imaginação e capacidade de resolução de problemas. Permite maravilhar-mos com a natureza mas também com a capacidade e a criação humanas. Dá-nos uma visão holística do mundo e da interligação das coisas naturais, o seu crescimento no passado e probabilidade de evolução no futuro. Ensina-nos a respeitar o que nos rodeia. Ser cientista é ser original mas persistente, é ver o que ninguém viu antes e fazer algo com isso. É um processo tão criativo e imaginativo como criar uma obra de arte, mas também difícil e trabalhoso. É um trabalho útil, com aplicações imediatas (investigação aplicada) ou a mais longo prazo (investigação fundamental), mas que também pode ser frustrante e incompreendido. Mas muito recompensador...

Os pequenos cientistas em potência crescem e aprendem ciência sempre que se interrogam sobre o mundo. Os pais e educadores têm o papel fundamental de incentivar essa curiosidade, essa vontade de aprender<sup>ii</sup>. Seja qual for o caminho futuro que os nossos filhos ou educandos sigam, o espírito curioso e maravilhado com o mundo do cientista que mora neles vai certamente ajudá-los a ter sucesso naquilo que queiram fazer e, mais importante que tudo, a serem felizes.

## “ Estudar ciências exactas e naturais desenvolve a curiosidade e o pensamento crítico, estimula o interesse pelo mundo que nos rodeia. Desenvolve a organização mental e a objectividade...”

i) “The Scientist in the Crib: What Early Learning Tells Us About the Mind”, Gopnik, A., A.N. Meltzoff, and P.K. Kuhl, 1999, New York: William Morrow and Company, Inc. Os autores são professores universitários e especialistas em várias áreas ligadas à aprendizagem e desenvolvimento infantil, tendo vários livros e artigos publicados.

ii) Existem várias fontes que poderão ajudar na tarefa, como por exemplo os sites <http://saberciencia.tecnico.ulisboa.pt/>, <http://www.cienciaviva.pt>, entre outros.



# em destaque **Projeto Aula Aberta: Ensino-aprendizagem de Matemática**

A Fundação Calouste Gulbenkian e a Sociedade Portuguesa de Matemática estão a promover o Projecto Aula Aberta para o ensino secundário. É uma iniciativa inovadora que visa reconhecer a excelência de resultados no ensino e, em simultâneo, divulgar ao país as práticas educativas das melhores escolas nacionais.

Foram selecionados quatro estabelecimentos de ensino com resultados excecionais a nível nacional nas disciplinas de Matemática A e de Português. O Colégio Valsassina foi uma das escolas selecionadas. A ideia do Aula Aberta é convidar as melhores Escolas do país a disponibilizarem online informação detalhada sobre o ensino que administram e sobre o seu funcionamento. Esta informação incluirá o material didáctico dado aos alunos de uma turma, entrevistas com o Director e alguns professores sobre a seu trabalho, gravações de aulas de um professor, e a realização de um mini-documentário sobre a escola.

Apresentamos nesta edição da Gazeta uma parte da entrevista a **João Valsassina** (JV), Director Pedagógico, e a **Luís Carvalho** (LC), professor de Matemática, em representação do Departamento da disciplina.

**Os seus alunos têm alcançado resultados excecionais a nível nacional nos exames de 12<sup>o</sup> ano de Matemática. A que se devem os resultados obtidos?**

*JV: O Colégio, ao longo da sua história de mais de 100 anos, pelo facto de pertencer à mesma família, sempre se caracterizou por ser uma escola com “Rosto”. Assim, cada Director estabeleceu uma liderança forte, coerente nos seus procedimentos e de acordo com a Missão e Visão do nosso Projeto Educativo. Uma liderança forte não exclui o espírito de equipa, a capacidade de diálogo e abertura às críticas e a formação de uma equipa diretiva de apoio, num trabalho constante de reflexão sobre medidas e estratégias a serem implementadas com o intuito de uma contínua melhoria do ensino no Colégio. O Director de uma escola privada como a nossa deve defender a estabilidade do seu corpo docente e não docente para que haja uma verdadeira Comunidade educativa identificando-se e defendendo a identidade do projeto educativo.*

*Neste contexto, os bons resultados a Matemática são em grande parte devidos aos seguintes aspetos:*

*– À importância dada ao desenvolvimento do raciocínio lógico e à implementação da matemática desde no Jardim de Infância, com recurso a materiais estruturados e não estruturados tais como o Cuisenaire, os Blocos lógicos, o Tangran e as Calculadoras multibásicas entre outros;*

*– À articulação do programa de Matemática entre os vários ciclos;*

*– Ao conhecimento que os professores têm dos programas devido ao facto de lecionarem diferentes ciclos, por exemplo, o 3<sup>o</sup> ciclo e o secundário.*

*– Ao trabalho de equipa entre os vários professores do departamento de Matemática que permite a troca de experiências, a divulgação de boas práticas e a permuta e construção de materiais.*

*– À motivação e valorização do esforço e trabalho autónomo dos alunos.*

*– Ao apoio precoce aos alunos com dificuldades de aprendizagem.*

*– À participação em atividades que promovem o desafio para alunos mais dotados, como, por exemplo, as Olimpíadas da Matemática entre outros.*

**A aprendizagem da Matemática exige dedicação e trabalho continuado. De que formas procura manter os alunos motivados?**

*LC: A motivação dos alunos é, provavelmente, um dos aspetos fundamentais para o sucesso na aprendizagem na disciplina de matemática. Alunos não motivados dificilmente atingirão níveis de excelência. Quando os alunos manifestam uma ausência de motivação intrínseca, tentamos ao longo de todo o ciclo estimular-lhes a auto-estima, valorizando os seus sucessos, e através de uma análise crítica construtiva, procuramos que os seus insucessos contribuam para uma melhoria na aprendizagem. No início de cada tema, colocamos problemas reais que envolvam todos os alunos para lançar a descoberta e o desafio, de modo a que estes percebam a importância do tema a abordar – tentando, desta forma, evitar uma prática rotineira. Nesta abordagem, tentamos encaminhar as questões colocadas aos alunos e pelos alunos, de modo a que toda a turma interaja em espírito de equipa.*

**É frequente as turmas serem compostas por alunos muito diversos. Por razões várias, alguns aprendem com maior rapidez, outros necessitam em média de mais tempo. Em termos práticos, como tenta gerir a diversidade numa aula e responder às necessidades dos diferentes tipos de alunos?**

*LC: Não existe nenhuma receita para gerir os diferentes tipos e ritmos de aprendizagem dos alunos. Uma boa relação entre professor e aluno, e entre alunos, ajuda bastante a ultrapassar estes obstáculos. Os professores do Colégio estão atentos a estes ritmos de aprendizagem, tentando gerir esta diversidade, através de fichas de reforço, diversificando o grau de exigência dentro das perguntas da ficha, de modo a que 80% das perguntas sejam realizadas a um ritmo considerado normal, e 20% dos problemas da ficha com um grau de exigência muito superior. Deste modo, os alunos com mais dificuldades e com um ritmo mais lento conseguem realizar as questões mais triviais, enquanto os alunos com maior ritmo estão a pensar nas questões mais difíceis. Depois, em conjunto e com a ajuda do professor, são exploradas as questões que suscitaram maior dificuldade, permitindo que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades, e motivados para o tema.*

*Para além disso, os alunos que têm mais facilidade, e que consigam acabar as tarefas mais cedo, são incentivados a ajudar os colegas com mais dificuldades ou com menor ritmo de trabalho.*

### Na distribuição de serviço dos professores de Matemática do Colégio, privilegiam a continuidade pedagógica, ou existem professores especializados em certos anos de escolaridade?

LC: Por norma, os professores de Matemática do Colégio Valsassina têm continuidade pedagógica, dentro de cada ciclo de ensino. Portanto, habitualmente cada professor acompanha as suas turmas ao longo do ciclo. Para além disso, é hábito que cada professor leccione turmas de mais do que um ciclo. Assim, os professores que lecionam o Secundário têm pelo menos uma turma do 3º Ciclo. Isto permite uma visão mais global do programa de Matemática, levando a que, já no 3º Ciclo, se trabalhe com vista aos objetivos gerais e específicos do Secundário.

JV: *O número de alunos que frequentam o Colégio desde o nível do ensino básico tem rondado os 90%. A continuidade pedagógica, aliada a uma eficaz articulação entre os vários ciclos de ensino, é fundamental. Para além disso permite-nos efetuar uma verticalização, neste caso, do ensino da Matemática.*

### Os professores de Matemática do Colégio dão aulas de dúvidas e de apoio ao estudo, além das aulas normais? E como funcionam estas aulas?

JV: *Temos aulas de recuperação e apoio ao estudo no ensino básico e de dúvidas/reforço no ensino secundário. Em geral os professores são os mesmos das aulas regulares, sendo a sua frequência de 90 minutos semanais.*

No nosso caso é dada especial atenção à recuperação dos alunos logo desde o 1º ciclo do ensino básico. O trabalho de recuperação deve ser feito essencialmente durante o ensino básico permitindo que à entrada no ensino secundário o aluno tenha já colmatado as suas dificuldades.

No ensino básico os alunos são propostos pelo Conselho de turma para a frequência destas aulas. No ensino secundário as aulas de reforço/dúvidas são facultativas, mas têm uma adesão praticamente de 100% dos alunos. Consideramos ser preferível que o professor seja o mesmo em virtude de conhecer os alunos e as suas dificuldades.

LC: As aulas de apoio servem para os alunos tirarem dúvidas que surjam do trabalho autónomo por eles realizado, e para o professor fazer um acompanhamento mais individualizado dos alunos da turma.

### Na sua opinião, quais são as principais qualidades que distinguem um bom professor de um professor mediano?

LC: Antes de mais, um bom professor tem que dominar, a nível científico, os conteúdos do programa que leciona. Para além disso, deve dominar os conteúdos precedentes ao ciclo que leciona, e ter uma ideia geral do que será exigido aos alunos depois do ensino secundário. Necessita ainda de explicar os conteúdos de uma forma clara e organizada, adaptando as suas aulas à turma que leciona.

Um bom professor deve ainda conseguir motivar os seus alunos ao longo do ciclo, e estabelecer com eles uma relação de proximidade, de modo a que eles sintam uma relação de confiança/amizade com o seu professor.

### Existe trabalho de equipa entre os professores de Matemática do Colégio?

JV: *O trabalho pedagógico no Colégio Valsassina, baseia-se no princípio do trabalho de equipa em todas as áreas. Os professores estão agrupados por Departamentos e têm destinado no seu horário 90 minutos, de quinze em quinze dias, para se reunirem. Para além destas reuniões quinzenais são também promovidas, periodicamente, reuniões sectoriais entre vários Departamentos, bem como reuniões de professores por ciclos.*

LC: Existe um grande trabalho de equipa entre os professores de Matemática do colégio, aliado a uma excelente relação pessoal entre colegas.

Todos os professores do mesmo ciclo têm reuniões regulares, em que em linhas gerais se faz um acompanhamento dos conteúdos lecionados ao longo da semana, trocam-se ideias, combinam-se estratégias e constroem-se materiais de reforço a dar aos alunos. Para além disso, uma vez por período, é realizado um teste igual para as várias turmas do mesmo ano (prática que é comum a todas as disciplinas do Colégio). Esse teste é elaborado em conjunto pelos professores que lecionam o ciclo, o que permite aferir internamente os resultados das diferentes turmas, permitindo a elaboração de estratégias de recuperação para alunos/turmas.

Por vezes as aulas de apoio são dadas em conjunto por dois professores, que permite um acompanhamento mais individualizado aos alunos.

### Como se processa a comunicação com os pais e famílias?

JV: *A comunicação entre o Colégio e as famílias baseia-se no modelo de Acompanhamento Tutorial. Os Coordenadores/Tutores são professores que fazem parte da Equipa Diretiva, que têm um horário letivo reduzido e que se encontram no Colégio diariamente entre as 8h30m e as 18h, tendo por isso uma disponibilidade diária para atendimento aos alunos e aos Encarregados de Educação. A comunicação entre os Tutores e as famílias é feita quer por entrevistas individuais, previamente marcadas, quer por mail ou telefone em situações mais urgentes. O sistema de "Portas Abertas" em que todos nós trabalhamos permite um acesso imediato dos alunos aos nossos gabinetes e qualquer Encarregado de Educação que se desloque ao colégio para tratar de um assunto urgente é sempre recebido pelo Tutor ou pelo Diretor do Colégio.*

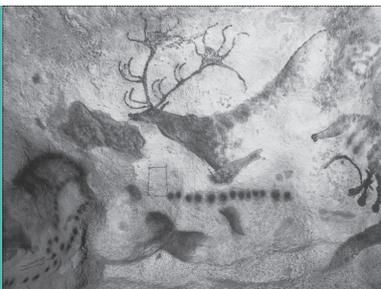
Assim, cabe ao Tutor acompanhar todo o percurso escolar do aluno que coordena, quer em termos disciplinares, quer em termos académicos, contactar a família, se necessário, e desenvolver as ações necessárias para resolver qualquer problema que surja durante o ano letivo, tendo em vista o sucesso académico do aluno.

Em situações mais complicadas o assunto é de imediato comunicado ao diretor, e se necessário, é discutido em reunião da equipa diretiva.



# em destaque **A Ordem das Dezenas (parte I)**

Carlos Pereira dos Santos Centro de Estruturas Lineares e Combinatórias – Universidade de Lisboa. Colégio de São Tomás



Há 17300 anos, a famosa gruta de Lascaux em França (a) era um local que concentrava o melhor que a humanidade fazia tanto a nível artístico como a nível científico. Para melhor perceber a ideia, imagine o leitor que tinha na parede da sua casa lindas pinturas de Picasso lado a lado com as mais avançadas fórmulas matemáticas.

A beleza do veado fala por si, mas o que são as treze bolinhas seguidas de um quadrado vazio? A resposta é comum em objetos arqueológicos; treze é sensivelmente metade de um ciclo lunar e o quadrado vazio simboliza provavelmente a Lua Nova [14]. Este tipo de informação era obviamente ciência de ponta há mais de quinze mil anos. Começamos com este exemplo para aproveitar esta imagem para falar do propósito deste texto, a ordem das dezenas (em bom rigor, podia dizer-se ordens numéricas, na medida em que o fenómeno que se passa na ordem das dezenas, passa-se também na das centenas, dos milhares, dos décimos e nas outras todas). Repare o leitor como somos mais sofisticados hoje em dia; em vez de desenharmos 13 bolinhas escrevemos um “1” e um “3” em que “1” representa uma dezena em vez de uma unidade. Esta sofisticada notação numérica que utilizamos atualmente não apareceu de um dia para o outro. Ao contrário, demorou muito à humanidade e houve períodos em que vários povos utilizavam em simultâneo sistemas de numeração muito diferentes. O importante conceito moderno de ordem numérica (*place-value* em inglês) é muito subtil com enorme influência na forma como fazemos cálculos matemáticos.

Quando escrevemos o numeral relativo a treze, ou seja “13”, estamos na realidade a utilizar uma numeração mista. Isso acontece porque o nosso sistema de numeração é posicional e os símbolos valem conforme a posição que ocupam. Neste caso, em relação a 13, 1 vale uma dezena e 3 vale três unidades. Treze, na sua escrita matemática atual, traduz a organização uma dezena mais três unidades; dez unidades numa ordem numérica são alvo de uma composição para uma unidade da ordem seguinte. Dez é escolha humana (relacionada com o facto de termos dez dedos nas mãos) e é por isso que o nosso sistema se diz decimal.

Da mesma maneira que a convergência para a notação posicional foi historicamente lenta e não fácil, para uma criança de 5 anos este conceito é muitíssimo difícil. Se experimentar dizer que o “1” do “13” vale dez, isso não significará nada para a criança; ela vê um “1”... Para tentar evitar o problema, o educador tem de ilustrar; tem de esquematizar.

Além do mais, ainda hoje, à escala mundial, temos um problema linguístico. Em português, as palavras “onze”, “doze”, “treze”, “catorze”, “quinze”, “vinte”, etc., não significam nada. A palavra “dezasseis” já traduz a ideia “dez e seis”. Mas temos muitas designações que não significam nada... Em inglês, também há esse problema. Por exemplo, as palavras “eleven” ou “twelve” não correspondem à usual notação matemática. Se usarmos o google tradutor para ver o que se passa em chinês simplificado (caso não saibamos chinês!) constatamos um facto muito interessante.

Em chinês, a fala e a escrita correspondem na perfeição aos numerais!

1 一 Yī  
2 二 Èr  
3 三 Sān  
4 四 Sì  
5 五 Wǔ  
6 六 Liù  
7 七 Qī  
8 八 Bā  
9 九 Jiǔ  
10 十 Shí  
11 十一 Shíyī  
12 十二 Shí'èr  
13 十三 Shí sān  
14 十四 Shí sì  
(...)  
20 二十 Èrshí  
21 二十一 Èrshíyī  
(...)  
75 七十五 Qīshíwǔ

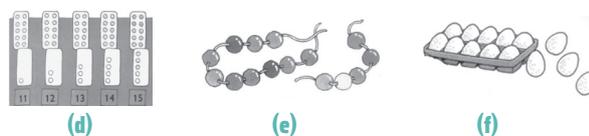
Um chinês fala de 14 como sendo “dez e quatro” ou de 75 como “sete dez e cinco”. Como na língua oriental a correspondência está explícita na língua materna, as crianças têm mais facilidade com o conceito de ordem numérica. No interessantíssimo capítulo 4 de [4], na secção *the cost of speaking english*, o leitor pode ler mais sobre a análise científica e consequências deste facto singular. Outros interessantes estudos tratam comparações entre vários países [10]. Queremos com isto dizer que na escrita dos numerais usamos um esquema consideravelmente mais sofisticado e mais prático do que o que vemos na gruta de Lascaux. Além disso, essa escrita está *uniformizada* no mundo. Em relação à língua isso já não se passa assim. Não temos uma uniformização e isso tem alguns reflexos nas aprendizagens nos diferentes locais do mundo. Em particular, no que diz respeito ao caso português, os educadores devem estar bastante atentos a este facto. No que resta deste texto, falaremos um pouco em formas de passar boas mensagens relativas a esta importante questão no universo do pré-escolar e primeiro ciclo.

### Importância da representação

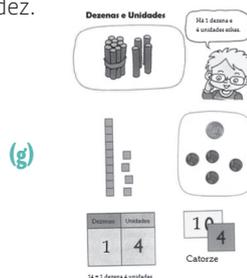
Uma ideia muito importante relativa ao ensino da matemática nos primeiros anos diz respeito à intermediação da passagem de tratamentos concretos para tratamentos abstratos através do que se pode chamar de *esquemas* (clássica abordagem *concretoesquemáticoabstrato* de origem em teorias construtivistas do co-nhecimento [3]). Para se perceber melhor o que se pretende dizer, 3 morangos é algo concreto; ao contrário, o numeral «3» é abstrato na medida em que é aplicável a milhares de situações quotidianas envolvendo essa quantidade. Uma das mais admiráveis características do ser humano é a faculdade de conseguir pensar e manipular conceitos abstratos de uma forma desligada da realidade. Na matemática, os números e as formas são exemplos de objetos abstratos. Se se tratasse de 3 cruces, estaríamos perante um esquema. Quando se propõe uma atividade a uma criança que consiste em desenhar um número de bolinhas correspondente ao número de carros que vê numa imagem estamos perante uma atividade esquemática. Nesse sentido, o que se vê na gruta de Lascaux diz respeito a uma fase esquemática na história humana dos sistemas de numeração. Reforçando mais a ideia, em relação aos dois exemplos que se seguem, qual será o que permite uma mais fácil contagem de bolinhas?



O leitor não terá dificuldade em concordar que é o exemplo (b). A razão para isso é simples: a representação da quantidade já está próxima da forma como organizamos o número “13” na sua representação decimal. Aliás, uma das estratégias que usualmente utilizamos para contar é a contagem organizada que consiste precisamente em organizar de forma benéfica e visual a quantidade em causa. Neste sentido, as representações são fundamentais nas primeiras aprendizagens da ordem das dezenas. Eis alguns exemplos:



(d), (e) e (f) são retirados de [5,6,7,8], excelentes livros do cotadíssimo ensino inicial de Singapura. Em (d) vemos as representações lado a lado com os numerais. A criança pode intuir o que significa realmente a representação numérica. Em (e) e (f) vemos a ideia da composição da dezena representada através de um colar e de uma caixa. Há uma ação associada ao importante processo de composição (fechar um colar, encher uma caixa). Compor a dezena é fundamentalmente dar estatuto de coisa a um grupo de dez.



Em (g), retirada dos mesmos manuais vemos o mesmo tipo de apresentação em simultâneo. Repare-se nos cartões sobrepostos; esta importante ideia tem como finalidade passar a mensagem de que o símbolo “1” do numeral “14” vale uma dezena.



A mesma ideia dos cartões pode ser encontrada por exemplo em [9]. Foi de lá que foi retirada a imagem (h). Um esquema semelhante a um típico calendário pode ser visto em (i).

Nota: A Parte II do artigo será publicada na Edição de Junho 2014 da Gazeta Valsassina

## 25 anos depois da 1ª medalha de ouro nas Olimpíadas da Matemática

**Susana Vinga Martins** Antiga aluna do Colégio Valsassina. Professora Universitária e Investigadora Principal, IDMEC/IST, Universidade de Lisboa

O Colégio Valsassina foi a primeira escola que frequentei e onde entrei aos 4 anos de idade. Lembro-me bem do ambiente alegre, do cheiro das árvores, do espaço, da Quinta, das brincadeiras no recreio e de tantos amigos e professores que marcaram positiva e indelévelmente todo o meu percurso pessoal e académico. Desses primeiros tempos, revivo com grande carinho a doçura da Lai-Lai e recordo, com uma enorme saudade, a Maria Gertrudes, que me ensinou a ler e a dar os primeiros passos de um longo trajecto de aprendizagem, que se revelou tão rico e gratificante.

Uns anos mais tarde, já a frequentar o 8º ano, em 1989, participei nas VII Olimpíadas Nacionais de Matemática. Acabei por ser seleccionada para a final, que teve lugar na Universidade da Beira Interior na Covilhã, e na qual obtive uma Medalha de Ouro, na antiga categoria A, destinada a alunos entre o 7º e 9º anos. Foi há já quase 25 anos que, com empenho mas também descontração, conquistei esta vitória; um prémio que foi não só para mim como também para o Colégio e para o meu professor de Matemática José Larião, com quem tanto aprendi. Não tenho dúvidas que, nesses anos, fortaleci extraordinariamente o gosto pela ciência, pelas artes, e por aprender e conhecer cada vez mais e melhor.

Acabei por seguir uma carreira académica: depois do curso de Engenharia Mecânica no Instituto Superior Técnico com uma passagem pelo Politécnico de Milão em Eng. Biomédica (na altura um curso por cá inexistente), efectuei uma Pós-Graduação em Matemática Aplicada. Em seguida, optei por um Doutoramento em Bioinformática (no Instituto de Tecnologia Química e Biológica, Universidade Nova de Lisboa), uma área relativamente jovem e promissora que conjuga abordagens da Matemática, Estatística e Informática para resolver problemas emergentes nas Ciências da Vida, desde a Bioquímica à Medicina.

Em paralelo, tento (a maior parte das vezes com pouco sucesso!), continuar a tocar Piano (terminei o curso geral de Música no Instituto Gregoriano de Lisboa, onde ingressei no 9º ano), satisfazer a minha curiosidade sobre tudo o que me rodeia. *Esta multidisciplinaridade sempre me atraiu, devido à formação variada proporcionada pelo Colégio Valsassina.*

Ser um bom profissional mas também um bom ser humano, atento e interessado, é, na minha opinião, o melhor ensinamento que uma Escola pode dar, e dos quais continuarei a beneficiar.

## 10 anos depois da 1ª Medalha de Ouro nas Olimpíadas do Ambiente

**Francisco Silveira** Antigo aluno do Colégio Valsassina. Veterinário.

Foi com enorme orgulho que recebi o convite para dar o meu contributo para mais uma edição da Gazeta do Colégio. É com grande satisfação que vejo o Colégio valorizar o décimo aniversário da edição das Olimpíadas do Ambiente em que me foi atribuído o primeiro lugar. Julgo que por si só, isso diz bastante daqueles que são os princípios que norteiam o Colégio enquanto instituição de ensino. Mais gratificante ainda é pensar que não é a primeira vez que sou alvo do reconhecimento do Colégio por ter atingido essa marca. Considero-o apenas mais uma prova, entre inúmeras outras no meu percurso até hoje, de que o Colégio se preocupa diariamente não só com a excelência a todos níveis, mas com a formação humana dos seus alunos. O incentivo à participação nas várias Olimpíadas é reflexo do princípio de que a entrega, a toda e qualquer atividade a que alguém se dedique, tem de ser máxima. Inerente a esse princípio, o conceito de que se colhe sempre o fruto dessa dedicação e esforço, esforço esse que o Colégio prima por recompensar e reconhecer de variadíssimas formas.

É sem surpresa que olho em volta e testemunho o sucesso que os meus amigos e antigos alunos do Colégio têm atingido. O cunho do Colégio é inegável, tanto quanto a responsabilidade na conquista desse mesmo sucesso. A recente vaga de emigração, na qual também eu embarquei assim como uma percentagem significativa da minha geração de antigos alunos do Colégio, permite também rapidamente concluir que a formação que adquirimos no Colégio é não apenas valorizada em Portugal, é também uma mais-valia além-fronteiras. A “Marca Valsassina” reúne em si um leque de qualidades que preparam da melhor maneira para os desafios que a vida impõe.

Quando penso no meu percurso, pelo Colégio, passando pela Universidade e culminando com a entrada recente no mercado de trabalho, a presença marcante é sem dúvida a do Colégio Valsassina. É confortante perceber que passados anos, os princípios que sustentam o Colégio permanecem inalterados. Prevejo e espero um futuro auspicioso para o Colégio, com o qual se congratulem todos os atuais e antigos alunos.

# educar para a responsabilidade social

## Voluntariado “entre semelhantes”

Paulo Victória Professor de Educação Moral e Religiosa Católica

Esta semana preparava-me para vos apresentar uma instituição de voluntariado. Porém, perante a alegria demonstrada pelos alunos da minha escola numa nova experiência, mudei de ideias.

Este ano letivo toda a comunidade escolar do Colégio Valsassina foi desafiada a fazer uma experiência de Voluntariado “fora de portas”, um compromisso semanal: colaborar com o Centro Social e Paroquial de São Maximiliano Kolbe na área de intervenção para a infância e juventude.

O Centro desenvolve várias atividades: promover a aquisição de informação nas diferentes disciplinas; desenvolver nos jovens atitudes positivas face ao estudo e à escola; desenvolver nos jovens autoconfiança, autonomia e sentido de responsabilidade face ao seu percurso escolar.

Responderam positivamente, alunos e professores. Mas é do testemunho de alguns dos alunos que vos escreverei nestas poucas linhas.

Para muitos deles, não é novidade fazer voluntariado dentro e fora do colégio. «Já fazia voluntariado e gostava de me envolver em novos projetos», disse-me a **Alexandra Pereira**. Mas para a **Ana Clara St Aubyn** era um desejo: «Sempre quis participar em ações de voluntariado e esta interessou-me particularmente porque gosto imenso de crianças» ou para a **Inês Graça** «o que me motivou a participar neste projeto foi a vontade em participar num projeto de voluntariado, e neste projeto vi essa oportunidade». Para a **Catarina Allen Silveira** foi a curiosidade: «Este tipo de projeto despertou a minha curiosidade por nos envolver internamente numa associação tão próxima do colégio, mas para mim completamente desconhecida!»

Mas de onde “nasce” esta vontade? É uma questão que “volta, não volta”, dou por mim a pensar. Já faço voluntariado desde muito novo. Recordo o meu primeiro voluntariado consciente: dar catequese a jovens colegas mais novos. Lembro com muita alegria aquela experiência. O entusiasmo de dar alguma coisa a alguém. Tenho bem presente na memória que nem todos os convidados o aceitaram. Portanto, qual a razão ou razões que levam uma pessoa a fazer voluntariado? Ao pensar nisto, lembro-me sempre da parábola do Semeador (Mt 13, 1-23). Então, como é que Deus semeia? Uma das formas está bem expressa na opinião da **Laura Seara Cabeça**: «Lembro-me que, desde pequena, a minha família, em especial a

minha avó materna, me ensinou a olhar para o “outro”. Não como quem julga. Não como quem simplesmente passa e olha. Mas, como quem avalia, conversa, percebe e ajuda. E é esse ensinamento em particular, que me motiva a fazer tudo na vida. É o saber que posso ajudar o outro, mesmo tendo pouco para dar.» Mais uma vez o paradigma da Alteridade. Ir ao encontro do outro... É na família que tudo “nasce”. Claro que não podemos esquecer, a escola, os amigos, as “boas companhias”. O Senhor “serve-se” de todos os que têm bom coração.

Para estes alunos, esta experiência vai ter repercussões nas suas vidas. Para a **Catarina**: «Não só aprenderei a lidar melhor com situações fora do meu ambiente habitual, como também com crianças e com as suas dificuldades educativas.»; a **Inês**, diz: «acho que me vai abrir os olhos bem como ajudar outros a abrir os olhos.»; a **Alexandra**, acrescenta: «pelo facto de estar a lidar com uma nova realidade e com novas pessoas.»; para a **Ana**: «todas as experiências têm algo para nos ensinar.» E a **Laura**: «Acredito que, o que define uma pessoa são as experiências que a mesma tem. E passo a explicar: No mundo tão competitivo em que hoje vivemos, vigora a lei da selva. O melhor preparado, o com mais experiência fora do comum, o com melhores habilitações é o que sucede na vida. Nesse sentido, acredito que as experiências desta natureza são, em primeiro lugar, de igual importância às de natureza profissional ou académica e, em segundo lugar, são o que definem uma pessoa como ser humano e membro integrante da comunidade da qual faz parte.»

A realidade que encontraram é bem diferente da deles. A motivação e concentração para o estudo são muito baixas. São crianças e jovens com problemas disciplinares na escola. Muitos dos pais, são “ausentes”. Se não fosse o Centro Paroquial, andariam a deambular pelo bairro até os familiares regressarem a casa no final do dia.

O trabalho feito por este Centro na “Zona J” de Chelas é fundamental. Será assunto para outra crónica, que esta já vai longa. Bem como a experiência destes Jovens Voluntários e dos outros que entretanto se juntaram e que não “conseguiram” ouvir o seu testemunho

Artigo publicado dia 25 de Março no site:

<http://www.imissio.net/v2/cronicas/voluntariado-entre-semelhantes:1816>

# educar para a cultura e língua materna

**Maria João Lopo de Carvalho** nasceu em Lisboa, em 1962. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi professora dos ensinamentos Básico e Secundário, fundou a Know How, empresa dedicada à edição de livros e ao ensino de inglês para crianças, foi copywriter na agência de publicidade McCann Erickson, assessora no Gabinete de Vereação da Educação e Ação Social do Município de Lisboa e responsável pelos programas de solidariedade da Swatch, entre 2004 e 2005. Colaborou com publicações como as revistas Pais & Filhos, Xis, GQ e Vidas e com os jornais Expresso e Diário de Notícias. Publicou diversos livros de literatura infanto-juvenil, como O herói sou eu (2007), Que bicho te mordeu (2007) e A minha mãe é a melhor do Mundo (2007). No âmbito da literatura destinada a um público mais adulto, publicou Virada do avesso (2000), Acidentes de percurso (2001) e Adopta-me (2001). Estreou-se no romance histórico em 2011, com o best-seller Marquesa de Alorna. Em 2013 publicou Padeira de Aljubarrota.

## Entrevista com escritora Maria João Lopo de Carvalho

### Porque escolheu ser escritora? Foi algo que sempre ambicionou?

Eu não escolhi ser escritora. Na verdade, queria ser médica. No fundo, um conjunto de circunstâncias, como ter um pai escritor, sofrer a influência dos amigos dos meus pais que também eram escritores, gostar de escrever, ter cursado letras, ter decidido não ir para medicina, levaram a que escrevesse o meu primeiro livro. Escrevi-o de algum modo porque tinha pouco serviço no sítio em que trabalhava, na Mccann-Erickson, na área de publicidade, como copywriter. Escrevi o livro na altura em que a Margarida Rebelo Pinto publicou o romance Sei lá. O livro que publiquei intitulava-se Virada do avesso e tinha o mesmo editor, o qual lhe achou graça por ser do mesmo género do da Margarida e vendeu 70 mil exemplares. As pessoas gostaram e quando isso acontece começa a haver uma pressão por parte dos editores para que se publique um livro todos os anos e fiz muitos de literatura infantil e juvenil e só recentemente voltei a escrever um romance histórico.

### Qual a sua perspetiva face ao panorama nacional e internacional da literatura na atualidade?

Em Portugal editam-se 30 novos livros por semana, o que é muito se considerarmos que há poucas pessoas a ler, ao contrário do que se pensa. Portanto, é preciso fazer sempre mais para conduzir as pessoas à leitura, é necessário fazer um grande esforço. Publica-se mais livros do que aqueles que o mercado consegue consumir, pelo que acabam por ter um prazo de validade muito curto.

Aqueles que encontramos nos tops de vendas não são necessariamente os melhores livros. Encontramos Nicholas Sparks, encontramos obras como Rezar, Orar, Amar, encontramos muitos livros que não têm qualidade. Tiragens e talento não são sinónimos. Um livro do qual se façam 30 mil exemplares não é necessariamente um bom livro. As pessoas procuram livros que alimentem a sua autoestima e não propriamente livros de qualidade, essa não é a prioridade. Há muitos livros com muita qualidade, aqueles que serão os próximos clássicos e que se publicam hoje, mas que vendem muito pouco, pelo menos até serem reconhecidos com prémios. Assim, é difícil lançar livros hoje em dia porque ou se conta com o suporte de uma grande campanha de marketing, ou se tem uma grande vontade de percorrer o país todo, de andar pelas livrarias, sítios de vendas e bibliotecas municipais, ou o livro não vende. Se o Paulo Futre lança um livro e vende 100 mil exemplares, nós lançamos um romance histórico para o qual estivemos a estudar durante um ano e podemos vender menos, o que não acontece, no meu caso, porque trabalho bastante para evitá-lo. Mas o risco de que tal acontecesse era grande.

### Quais os livros que a marcaram? Que escritores tem como referência na sua infância?

Sem dúvida, Jorge Amado, que era amigo do meu pai. Adorei Os Capitães da Areia. Mais tarde, Rita Ferro e Luísa Beltrão. Hoje em dia, todos os escritores são amigos uns dos outros, todos se conhecem, todos se encontram, acaba por ser um meio muito pequeno, é muito difícil dizer uns e não dizer outros. Eu leio todas as obras de escritores conceituados que se publicam atualmente e por isso é difícil dizer se gosto mais de uns ou de outros. Há livros de todos os géneros.





**“Na formação  
cívica de  
qualquer pessoa,  
é fundamental  
olhar para o lado,  
por pouco tempo  
que seja.”**

Adoro ler romances históricos, por exemplo. Dentro do género, há, é claro, o Miguel Sousa Tavares com o Equador. Toda a gente adorou aquele livro e eu não fui exceção. Adoraria escrever assim. Outro romance histórico atual que me marcou foi O tempo entre costuras, da espanhola María Dueñas. Na verdade, sou muito eclética, leio tudo, exceto talvez policiais, género de que não gosto muito.

**O episódio da padeira de Aljubarrota é contado na nossa infância e é considerado uma lenda. Porque escolheu fazer deste episódio a base temática do seu novo romance?**

Porque é a metáfora da força e da valentia do povo português, povo esse que supera todos os momentos de crise, como este que vivemos agora e que sentimos todos na pele. Julgo que este livro pode encher de esperança as mulheres, e não só, pode encher de esperança os leitores, por lhes mostrar que somos um povo maravilhoso, com uma força extraordinária.

**Tendo em conta que os jovens lêem cada vez menos, o que acha que podem os escritores fazer para contrariar essa tendência?**

Para já, fazer o que tem sido feito com o Plano Nacional de Leitura, ir a escolas e falar com os alunos. Depois, cabe a nós, autores de literatura infanto-juvenil, fazer livros que vão de encontro às necessidades de uma criança ou de um jovem, estimulando neles o prazer da leitura. É importante, portanto, encontrar temas que se relacionem com as suas preocupações e que não sejam uma maçada. Não podemos esquecer que estamos a competir com o mercado da imagem. Tudo é mais fácil, as playstations, os computadores, os ipads, as músicas, tudo é mais divertido e requer menos concentração, como o próprio cinema, as novelas, os desenhos animados. Para levar um jovem a ler é preciso diverti-lo, despertar a sua atenção, empregando um estilo que o cativa. Portanto, por um lado, é da responsabilidade dos escritores ir ao encontro daquilo que os jovens desejam. Por outro lado, há outros agentes, tais como os professores, os pais e os próprios jovens. Todos têm de fazer um esforço no sentido de entender a leitura como um divertimento e não como um aborrecimento.

**A Maria João Lopo de Carvalho envolve-se em várias campanhas de solidariedade, como as da Swacht. Essa sua envolvência reflete-se de algum modo no seu trabalho, na sua forma de pensar, nos temas que os seus livros abordam?**

Todos temos de ser solidários, na medida do possível, em qualquer idade, nem que seja a ajudar o vizinho do lado. Escrevi já vários livros cujas vendas reverteram a favor de instituições de solidariedade social e de determinadas causas. Não me vejo de outra maneira. Tenho a sorte de poder viver do que escrevo. Também sei que a sorte vem depois do trabalho. Só no dicionário é que o S vem depois do T. No resto, na vida, é ao contrário, só se tem sorte com trabalho. Com sorte ou sem sorte, o Cristiano Ronaldo só conquista o que conquista à custa de muito trabalho. Não é por acaso, não é só talento, é o esforço. Tudo requer esforço. Eu sou uma sortuda que com o seu esforço conseguiu alcançar os objetivos a que se propôs. Tendo isso por adquirido, tenho de pensar nas pessoas que não tiveram a sorte que eu tenho e estão em dificuldades, sobretudo as famílias que não se queixam, que têm um salário miserável ao fim do mês e com o qual têm de chegar a todo o lado. Tudo o que nos for possível fazer para ajudar essas pessoas devemos pô-lo em prática. Na formação cívica de qualquer pessoa, é fundamental olhar para o lado, por pouco tempo que seja.

**Alexandra Pereira 12º 1B Carolina Fonseca 12º 1A Joana Duarte 12º 1A**

# educar para a cultura e língua materna

## Língua materna, língua de afetos

Equipa do 1º Ciclo

Queridos pais

Eu gosto muito de vocês por me terem educado tão bem! Hoje é Dia Internacional da Língua Materna.

Beijinhos do vosso filho

Xxx ;)

Re: Nosso querido filho

Os pais também gostam muito de ti. Temos muito orgulho em ti, és um filho muito querido!

Muitos beijinhos dos pais que te adoram

Xxx e xxx

Olá pais

Quero-vos lembrar que hoje é o Dia Internacional da Língua Materna.

Muitos beijinhos do vosso filho

Xxx ;)

PS: Um beijo enorme!

Re: Obrigado filho pela lembrança!

Hoje temos de ler uma história bonita!!! ;)

Um grande beijinho

Mãe

Queridos pais

Amo-vos do fundo do meu coração e nunca vou deixar de vos amar!

Mãe, pai, vocês são sempre a minha alma! Quando chegam a casa sinto-me cheio de alegria!

Beijinhos infinitos

Xxx

Re: Muito obrigado por esta mensagem tão querida.

Parabéns ao Colégio por esta ideia.

Queridos pais

Tenho imensas saudades vossas porque os pais são para mim a melhor coisa do Universo! Uns pais assim não se encontram em lado nenhum!

Com muito amor, do vosso filho

Xxx

Re: xxx, adorei a mensagem! Foi uma grande surpresa.

O pai também tinha montanhas de saudades do xxx, em especial das nossas conversas e da sua companhia.

Com muito amor, do seu pai

xxx

No passado dia 21 de fevereiro comemorou-se o Dia Internacional da Língua Materna. Este dia foi criado pela Unesco com dois objetivos:

- proteger a diversidade linguística e cultural, património da humanidade:

*«(...) A perda de línguas empobrece a humanidade. É um retrocesso na defesa dos direitos a ser ouvido, a aprender e a comunicar. Para além disso, cada língua também transmite herança cultural que aumenta a nossa diversidade criativa. A diversidade cultural é tão importante como a diversidade biológica na natureza. As duas estão intimamente ligadas. Algumas línguas de povos indígenas carregam consigo conhecimentos sobre biodiversidade e gestão de ecossistemas. Este potencial linguístico é uma vantagem importante para o desenvolvimento sustentável e merece ser partilhado. (...)>>*

- valorizar a ligação de cada um à língua da comunidade linguística a que pertence, que lhe chegou pela voz das pessoas mais queridas, língua em que aprendeu a expressar-se e a pensar.

*«(...) Nelson Mandela disse um dia que “se falares com um homem numa língua que ele entenda, a informação vai para a sua cabeça. Se falares com ele na sua própria língua, a informação vai para o seu coração”. A linguagem dos nossos pensamentos e das nossas emoções é o ativo mais valioso que temos. (...)>>* (in Mensagem da Directora-Geral da UNESCO sobre o Dia Internacional da Língua Materna em 2012)

Porque a língua materna também é a língua dos nossos afetos, propusemos aos nossos alunos que surpreendessem os pais neste dia com uma breve mensagem. A conversa de motivação foi no sentido de os ajudar a tomar consciência de que aprenderam a utilizar uma língua complexa, essencialmente em contexto familiar junto das pessoas de quem mais gostam. Daí a designação de “língua materna”.

Para melhor compreenderem que este percurso foi longo mas natural, pedimos-lhe que dessem exemplos de palavras que há uns anos diziam de uma forma incorreta (“abebezada”) mas que hoje articulam bastante bem, ou de palavras que diziam a pensar que significavam uma coisa e afinal descobriram que significava outra muito diferente. Entre risos e gargalhadas foram dados imensos exemplos.

A atmosfera está criada. A sugestão de escreverem uma pequena mensagem aos pais como tributo por os terem ajudado a utilizar esta maravilhosa “ferramenta”, foi aceite entusiasticamente por todos.

Aproveitando para familiarizar as crianças com as características da comunicação à distância via internet, cada aluno enviou uma mensagem ao pai, à mãe ou a outra pessoa com quem tem uma relação preferencial, a partir da caixa de “mail” de cada turma. Alguns alunos do 1º ano experimentaram escrever pela primeira vez num teclado, criando uma relação mais próxima com as novas tecnologias. Quanto às mensagens das crianças que têm como língua materna o mandarim, foram elaboradas com a ajuda dos alunos chineses que dominam a escrita nesta língua, e seguiram para as famílias escritas num pequeno cartão.



# educar para a criatividade e escrita

## Escrever com criatividade

Teresa Saruga Professora de Português

Para trabalhar o domínio da Escrita, para além dos aspetos formais de correcção linguística, é absolutamente necessário desenvolver a criatividade. Como tal, no âmbito de uma oficina de escrita a desenvolver na disciplina de Português, os alunos são confrontados com propostas que os obrigam a apresentar soluções criativas.

Aqui se mostram dois exemplos.

A última lixeira do planeta vai ser encerrada e estão a ser organizadas excursões para a visitar. Você é o guia dessas excursões e quer apresentar o estilo de vida da espécie humana a partir do lixo produzido. Com conduzirá a visita? O que dirá?

### A última lixeira

Levantei-me de manhã cheia de energia e contente por ser o meu primeiro dia de trabalho. Arranjei-me e, frente ao espelho, preparava o meu discurso de apresentação da última lixeira do planeta.

Quando cheguei ao local, tinha trinta turistas à minha espera. Depois das saudações iniciais, desejei-lhes uma boa visita.

Comecei por falar do dia a dia atual e de como o Homem originava o lixo. Disse o seguinte:

– Sabem que o Homem é consumista! Em vez de viver apenas com o que necessita, compra em excesso. Excesso esse que origina o lixo que conseguimos aqui ver. Para além desta lixeira, existiram no passado muitas mais, que como sabem, já foram destruídas. Todo este mau ambiente e cheiro foi causado pela nossa presença na Terra.

Expliquei também aos visitantes que, apesar de todo o mal que o Homem fez, estão a tomar-se algumas medidas de prevenção e que em função delas, deixará de se produzir lixo, daí esta lixeira estar provisoriamente aberta ao público antes do seu encerramento.

Disse-lhes ainda que as medidas tomadas por todos os governos consistem na remoção de todos os produtos do mercado que não tenham reutilização imediata após o consumo, e a promoção dos produtos com as características de utilização-reutilização. Assim, a Humanidade talvez consiga viver por muitos mais anos no planeta de origem.

A visita terminou com os participantes a solicitar mais esclarecimentos mas, por falta de tempo da minha parte não foi possível. No entanto, ficou agendada uma outra visita, com investigadores e técnicos responsáveis por este tema.

Laura Mota 7ªA

Um dia, ao acordar, descobre que todos os habitantes da pequena aldeia onde vive desapareceram. O que os levou a partir? Para onde terão ido? O que deve fazer agora?

### Sobrevivência ao vulcão

Um dia, ao acordar, descobre que todos os habitantes da pequena aldeia onde vive desapareceram. O que os levou a partir? Para onde terão ido? O que deve fazer agora?

#### Sobrevivência ao Vulcão

Acordei e não encontrei ninguém. Fiquei assustado e fui procurar os vizinhos, mas eles não estavam em casa. Fiquei desesperado.

Tomei o pequeno-almoço e fui ver se encontrava alguma pista que me levasse ao local onde todos se encontravam. A meio da busca, senti a terra a tremer e fugi para o meio da horta de um dos meus vizinhos, pois aí não havia perigo de algo me cair em cima. Ao fim de algum tempo, que para mim pareceu uma eternidade, os abalos terminaram.

Quando cheguei a casa do Sr. Joaquim, o meu único vizinho, encontrei um telemóvel no chão. Vi as mensagens e a mais recente dizia que a montanha do lado este era um vulcão e que entraria brevemente em erupção. Foi por esta razão que a população se tinha refugiado numa cidade muito longe.

Com base nesta informação, fui tentar armazenar comida e encontrar um sítio seguro. Mas o vulcão começou a deitar fumo e cinzas. Houve muita lava a sair e esta era muito fluída e muito rápida. Procurei um sítio alto onde me refugiar.

O ar estava muito quente e com muitos gases. Fiquei de t-shirt e calções. Respirava pesadamente. Passaram-se dois dias e, quando estava quase sem comida nem água, o vulcão parou de expelir lava.

Três dias depois, as pessoas voltaram, viram-me bem e ficaram espantadas. Estávamos todos tristes, pois a aldeia ficou destruída.

Alexandre Marques 7ªA

# Faça lá um Poema

Departamento de Português

No âmbito do concurso “Faça lá um Poema”, dinamizado pelo Plano Nacional de Leitura e pelo Centro Cultural de Belém, e com o objetivo de incentivar a leitura e a escrita de poesia, os alunos foram desafiados a relevar o autor escondido que há em cada um. Aqui ficam alguns dos poemas produzidos.

Os trabalhos, “A Lua”, “O Poema” e o “Pensamento”, foram selecionados por um júri constituído por professores do Colégio Valsassina para o concurso nacional.

## A Lua

A Lua é bela  
E parece sorrir para mim.  
Um dia soube dela.  
Que gostava de ti.

A Lua é tagarela  
E gosta de mentir.  
Quando perguntei por ela  
Disse-me para me rir.

A Lua é surda  
E não gosta de me ouvir.  
Com pena minha não é muda  
E não me deixa divertir.

A Lua gosta de dar saltos.  
Um dia tropeçou, mas não se magoou.  
Voltou a noite  
E o meu poema acabou.

**Luís Araújo 6ºC**

Falta-me algo.  
O quê, pergunto-me,  
Se tenho tudo?

Dizem-me eles que tenho tudo.  
Terei?  
Dizem-me que sim,  
Não sei o que dizer,  
Não digo nada.

Dizem-me que eu decido tudo.  
Será?  
Dizem-me que sim,  
Não sei o que dizer.  
Não digo nada.

Dizem-me que me dão tudo.  
Mas de tudo o que é que não me dão?  
Aí não dizem nada,  
Agora sei o que dizer.  
Mas nunca digo nada.

**César Sousa, 10.º1B**

## Pensamento

Penso, ainda hoje,  
No que pensei ontem.  
Interrogo-me:  
Que será que os pensamentos pen-  
sam de quem os pensa?

Viaja para lá das nuvens o meu pen-  
samento de ontem.

O que será que ele pensa  
De quem hoje ainda o mantém  
A voar e a voar no infinito céu  
Dos pensamentos de quem pensa?  
Será que quer repousar?  
Será que quer ainda mais voar?

Olho com um olhar cego  
Para uma rota bloqueada  
A todos os pensamentos.  
Que barreira tem ela  
Que a torna tão pouco bela  
E não permite o grandioso voo dos  
pensamentos?

Essa rota é o vazio,  
É o nada que nada é,  
Pois que há de mais magnificamente  
inevitável  
Que um pensamento?  
Leve e livre,  
Viajante do vazio.

De súbito,  
Um pensamento visível atravessa-se  
no meu caminho.  
Chama-me.  
Fala comigo.  
Conta-me tudo.  
Agora,  
Conheço a verdade e estou em paz.

**Miguel Bengala 10.º1B**

## O Poema

Uma folha em branco  
E um lápis na mão.  
Quantas palavras terei eu no coração?

Uma, duas, três  
E o poema não se fez.  
Quatro, cinco, seis  
E com tanta coisa em mente,  
Já não se sabe o que se sente.

A folha já não está branca  
E a palavra já se vê.

E o meu coração terá palavras  
ou não?

**Mariana Martins 8ºB**

## Pensar

Penso.  
Empurro o alcatrão do trilho  
Piso a relva sem ardor  
Destruo um pensamento sem pudor

Pobre pensamento  
Que dele só resta  
Um momento  
Todas as lembranças recordei  
Não por querer  
Apenas porque pensei  
É esse que nos destrói a nós  
Esse caminho, que sem anseio  
Nos vemos a percorrer,  
Nos magoa com memórias  
Sem sequer notar  
E nos deixa ali,  
Sem nada,  
Naquele momento  
O contratempo  
Devido a um simples pensamento  
Pobre solidão.

**Marta Zambujal 10º1A**

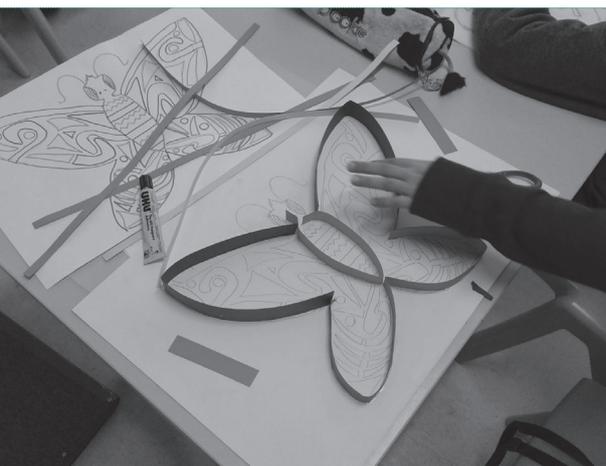
## educar para as artes

# Valsassina “adoptou” a Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves

João Gonçalves Professor de Artes Visuais



Pintura a aguarela (5º ano)



Alto relevo (5º ano)



Atelier de pintura a aguarela na Casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves

Com base numa iniciativa promovida conjuntamente pela Direção Geral do Património Cultural e pela a Direção Geral da Educação, onde se pretende estimular o conhecimento da realidade museológica e patrimonial nacional, através do contato das escolas com os museus que integram a Rede Portuguesa de Museus, decidiram os professores do grupo de artes visuais do Colégio Valsassina “adotar” para o ano letivo 2013/2014 a Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves.

Sob o tema “a minha escola adota um museu, um palácio, um monumento...”, têm os **alunos do 5º e 6º ano** vindo a realizar diferentes projetos nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Projetos esses, que não só vêm ao encontro das metas curriculares definidas para as disciplinas, como se interrelacionam com as visitas de estudo realizadas à Casa-Museu, onde foi possível observar várias formas de expressão artística (pintura, azulejaria, cerâmica, mobiliário, tapeçaria) num espaço com curiosas particularidades em relação à generalidade dos museus.

Um dos objetivos desta parceria estabelecida entre o nosso Colégio e esta instituição artística, passa também pela participação no concurso “a minha escola adota um museu... 2013/2014”, onde serão selecionados (conjuntamente entre alunos, professores e museu) vários trabalhos realizados por grupos de alunos e que tiveram por base obras existentes na Casa-Museu. Representando particularmente as turmas de **5º e 6º ano** e, de uma forma geral, o Colégio Valsassina a um nível Nacional.

De referir que todo este projeto tem sido alicerçado sob uma estreita colaboração entre o Colégio e a Casa-Museu, que inicialmente nos possibilitou a realização de visitas de estudo e posteriormente o acesso mais detalhado e privilegiado a determinadas obras de interesse específico para a realização dos nossos trabalhos. Cabendo depois aos professores das diferentes disciplinas a tarefa de orientar e acompanhar os trabalhos desenvolvidos no campo da pintura a aguarela, da colagem, do alto relevo, etc.

Entramos agora na fase final deste importante e aliciente projeto, onde os trabalhos a levar a concurso se encontram praticamente terminados e prontos para serem escolhidos entre aqueles que representarão as turmas e o Colégio no concurso deste ano. Sendo que o mais importante a salientar é a relevância que este tipo de iniciativa encerra, pela possibilidade de proporcionar junto dos nossos alunos uma maior identificação com o património artístico existente, podendo ainda desenvolver-se várias atividades práticas a partir do mesmo.



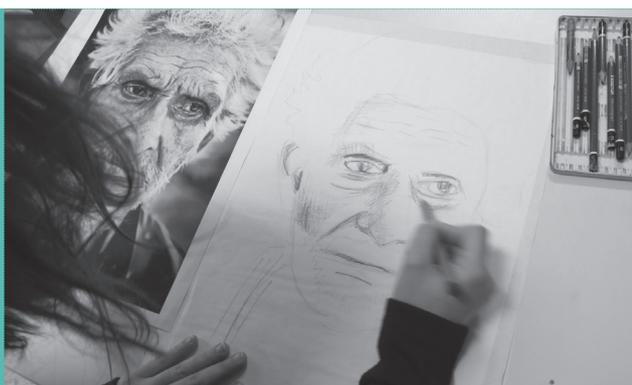
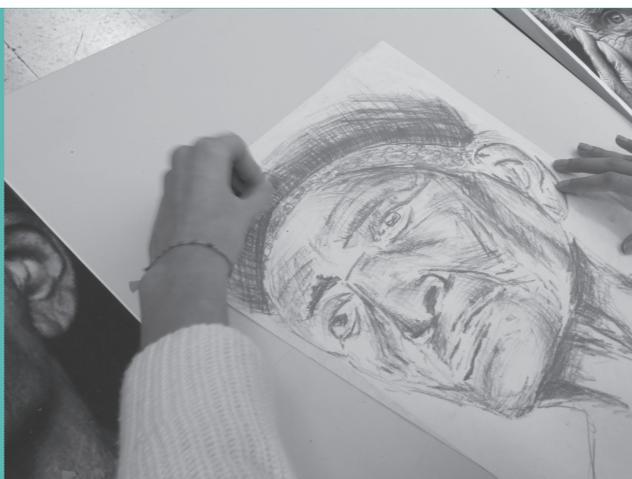
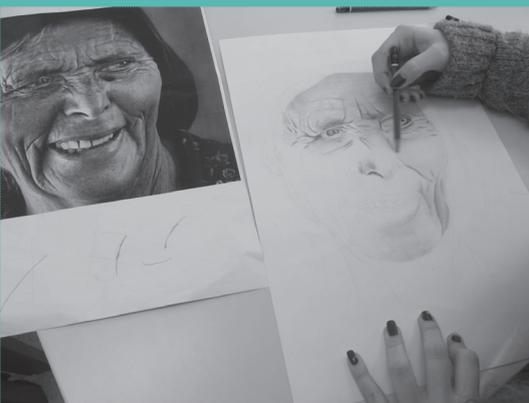
Visita de estudo à Casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves

# Desenho - O rosto humano

Sofia Caranova Professora de Desenho

No âmbito da disciplina de Desenho A, os alunos do 12º ano, turma 4, ao longo do 2º período, desenvolveram exercícios onde se pretendia que explorassem as capacidades de observação, interrogação e interpretação do tema - O rosto humano.

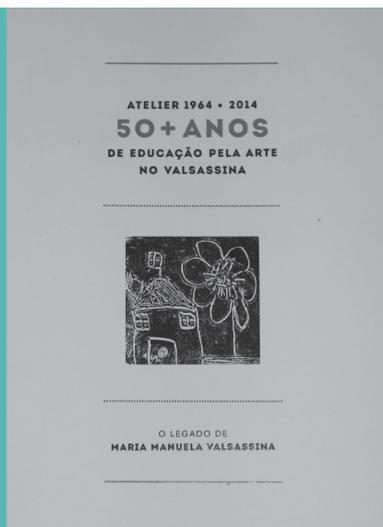
No final os vários trabalhos foram expostos no átrio do liceu, dando a conhecer à comunidade educativa o trabalho realizado pelos alunos de artes do colégio.



Trabalho de Leonor Leitão  
Trabalho de Francisca Carreira  
Trabalho de Christian Manuel  
Trabalho de Matilde Figueiredo  
Trabalho de Abel Quental  
Trabalho de Luísa Perdigão

# educar para as artes

## 50 anos de Educação pela Arte no Valsassina



### Nota editorial do livro

"O Atelier 1964-2014: 50+ anos de Educação pela Arte no Valsassina", publicado passados 50 anos desde a inauguração do primeiro Atelier de Pintura do Colégio Valsassina, pretende ser um tributo ao legado de Maria Manuela Valsassina e ao seu trabalho em prol da educação pela arte.

Para a primeira parte, "A Ideia", selecionaram-se textos escritos por Maria Manuela Valsassina nos anos 1960. A par dos prefácios dos catálogos das primeiras exposições de arte infantil realizadas no colégio, e que se transformaram numa rotina anual desde 1964, incluiu-se uma comunicação apresentada à Sociedade Portuguesa de Psicologia em 1968, a qual corresponde à primeira vez em que o tema da educação pela arte é abordado numa sociedade científica em Portugal.

Para a segunda parte, "Diálogos", destacaram-se textos elaborados no período de 1960 a 1980 por um grupo de professores, pedagogos e intelectuais que com ela colaboraram e foram particularmente relevantes na construção do seu projeto educativo.

Para a terceira parte, "Cumplicidades", reuniram-se testemunhos que ilustram o seu percurso ao longo dos últimos 50 anos. São declarações espontâneas elaboradas especificamente para esta publicação, sem o conhecimento prévio dos restantes conteúdos.

Em 2014 assinala-se 50 anos de Educação pela Arte no Colégio Valsassina. A data serviu de mote à publicação de um livro em homenagem a Maria Manuela Valsassina, principal responsável por inscrever no Projeto Educativo do Valsassina os valores da estética e da criatividade, num projeto que se prolonga para o futuro. Publicamos nesta edição da Gazeta Valsassina excertos de alguns textos publicados nesse livro.

Todo o educador que tiver ocasião de iniciar a criança neste tipo de atividades, em atelier de Educação pela Arte, terá ocasião de proporcionar uma educação activa, ao nível das possibilidades infantis, não tendo como propósito a revelação de vocações artísticas, mas sim o de realizar um meio de a criança dar forma às suas ideias e sentimentos.

Criar uma geração mais desinibida e que acredite em si mesma, é tarefa que a todos nós se impõe. **Maria Manuela Valsassina Heitor**. Junho de 1968. (Extraído da comunicação apresentada na Sociedade Portuguesa de Psicologia, 20 de Junho de 1968).

### 50 anos de Educação pela Arte no Valsassina

**João Valsassina Heitor** Diretor Pedagógico

Desde os anos 50 que, pela mão de **Maria Manuela Valsassina**, "A Educação pela Arte" constitui um pilar fundamental do projeto educativo do Valsassina. A busca constante pela inovação e criatividade, pela investigação sobre o que havia de novo na Europa num País fechado ao mundo, a curiosidade e o desejo de fazer diferente e melhor, foram peças angulares do seu trabalho e da sua dedicação ao longo dos anos que dirigiu o Jardim de Infância e a Primária (atual 1º ciclo).

Ao criar os Ateliers de artes Plásticas em 1964, pretendeu abrir, de forma inovadora, em Portugal, um espaço na escola que funcionasse como um incentivo à criatividade, mas também a uma aprendizagem mais ampla e rica, onde a liberdade de expressão e a experimentação de várias técnicas e materiais fossem capazes de expor os nossos alunos a novos desafios, com total liberdade, desde muito cedo.

Tal como se afirma no nosso projeto educativo "Um espaço que privilegiasse e estimulasse o desejo de fazer, de inventar, de experimentar, de manipular materiais, permitindo às crianças transformar o que veem e sentem no seu equivalente estrutural: no desenho, na pintura ou na modelagem".

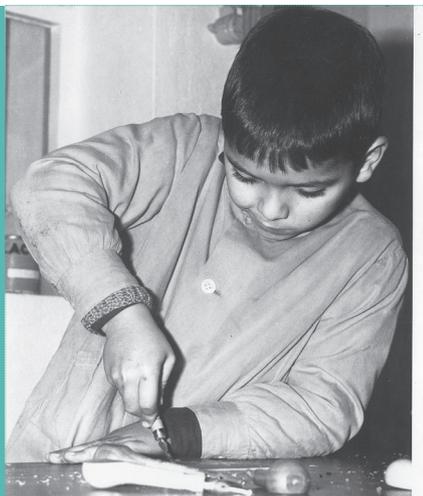
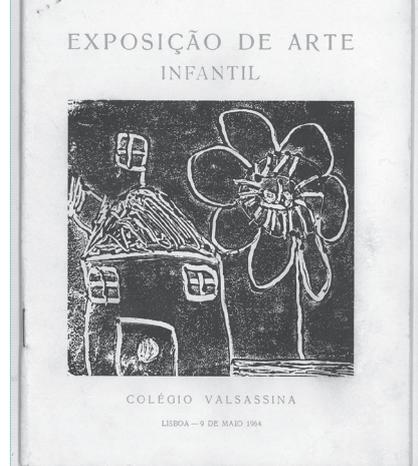
Ao longo destes 50 anos pretendeu-se fomentar a Arte e a Criatividade como valores essenciais numa formação integral e humanista dos nossos alunos, para além da liberdade de expressão, potenciando a concretização de emoções, de novas experiências e do contacto com a realidade. "Através da Expressão Plástica os alunos mostram o que são e o que sentem, estimulando a sua capacidade intelectual, assim como a sua intuição". Tornam-se mais felizes.

Estes foram, e continuam a ser, os princípios básicos da Educação pela Arte no Colégio nos dias de hoje.



O mundo real que imediatamente nos cerca é um só: o Sol, o mar, as montanhas, os rios, as casas, as árvores, os animais, tudo o que a vista recolher, constitui o mundo imediato em que o ser humano penetra e desenvolve. Simplesmente essa realidade das coisas adquire conteúdos e formas diferentes consoante e um adulto ou uma criança.

O mundo da criança é um mundo diverso do mundo do adulto. É e deve, ser espontâneo. Erro será pretender o adulto entrar com os seus olhos de adulto no mundo da criança. **Avelino Cunhal** (Prefácio ao Catálogo da Exposição de Arte Infantil, Colégio Valsassina, 1964)



Em boa hora, Maria Manuela Valsassina, pedagoga ilustre e experiente, e Camilo Cardoso, psicólogo de firmados méritos que vem dedicando o seu labor à psicologia infantil e juvenil, decidiram compendiar os seus conhecimentos, reflexões e experiências neste domínio de tanta atualidade e interesse. Para que se cumpra com êxito a descoberta infantil do mundo é imprescindível a descoberta do mundo infantil. Só assim poderemos ajudar cada criança a ser livre e a realizar todas as suas potencialidades de vontade, inteligência, imaginação e afetividade. **Maria Barroso.** (Prefácio do Livro “Arte Infantil – Linguagem Plástica”, 2ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1988)

A Marinela de forma impercetível, conjugava a criatividade, com a visão antecipada da construção imaginária do projeto e explorava os conteúdos pedagógicos, deixando ao aluno a liberdade de criar, subtilmente orientada, para que fosse sentida como resultado da surpreendente descoberta, da sua capacidade de concretizar a ideia na obra. A visionária aliança entre o potenciar a criatividade com a construção da formação holística das crianças e dos jovens, a um tão elevado nível, só conseguida pela condução silenciosa desta Mulher, Mãe e Artista, em tudo grande, até na humildade do ser e estar, na capacidade de antecipar e compreender a arte como pilar estruturante no desenvolvimento humano, quando expressa no sentido pedagógico amplo e formativo, orientado para o exercício responsável da cidadania.

Recordo o gabinete e os ateliers que criou, espaços onde se encontravam registos seus e de alunos entre outras peças, e sentia-se no ambiente a provocação, o desafio que tocava quem por ali passava, fossem alunos, professores ou famílias. A sua presença discreta quanto subtil, não deixava ninguém indiferente, pela simplicidade das palavras e discrição na transmissão do fazer acontecer, através do convite para se deixar envolver, como parte desse projeto. **Guida Faria.**

Todo o acto de linguagem é um acto de criação. A linguagem das cores, das formas, comunica-nos como a criança «vê» e como «recria» o mundo que a rodeia. Tal como diz Luigi Volpicelli: «O mais urgente não é educar para a vida, que já é coisa feita, mas para a vida criadora.» **Maria Alda S. Silva** (Prefácio ao Catálogo da Exposição de Arte Infantil, Colégio Valsassina, 1972)

Marinela Valsassina realizou uma intensa atividade, centrada na criação de ateliers de expressão artística dirigidos à educação de infância e ao 1º ciclo da escolaridade básica e integrando plenamente crianças com necessidades educativas especiais. O nosso país muito beneficiou da sua incansável iniciativa, que veio a provar, através da prática, os fundamentos de uma orientação em que hoje nos revemos: para assegurar uma educação de qualidade, a Arte é sem dúvida um indispensável ponto de partida e um bem conseguido ponto de chegada. **Isabel Alçada.** Novembro de 2013



# educar para as artes

## As artes no (nosso) mundo

Educadoras de Infância (3, 4 e 5 anos)

No âmbito do projeto “As artes no (nosso) mundo”, estão a ser desenvolvidas, em cada sala, diferentes formas de arte: a pintura, a música, a literatura, a dança, a escultura, o cinema, a fotografia e o teatro. Da exploração de cada uma delas surgiu uma variedade de atividades que permitiu a cada criança vivenciar e interiorizar conceitos, técnicas, experiências e adquirir assim um leque alargado de conhecimentos.

VER, MEXER, SENTIR, MANUSEAR, EXPLORAR, CRIAR, despertou em cada uma a vontade de FAZER e APRENDER!

### 3 Anos A – A Pintura

Atividades realizadas:

- Trabalho coletivo de digitinta com o objetivo de explorar o prazer do contacto das mãos com o guache de várias cores, e descobrir a mistura de cores;
- Exercícios de “olhar sobre o olhar de outros artistas”, no contacto com obras em espaço de museu – Museu Vieira da Silva/Arpad Szenes;
- Trabalhos individuais com caneta de feltro, inspirados nos “Girassóis de Van Gogh”;
- Trabalho coletivo com inspiração Ana Vidigal, com pincel, cola e tesoura (três materiais que habitualmente a artista usa nas suas obras) onde predominam as formas circulares e quadradas, já conhecidas e adquiridas pelas crianças no manuseamento dos blocos lógicos. O recorte e colagem das imagens e figuras foram a gosto de cada criança;
- “Mancha de Cores” trabalho coletivo a guache trincha;
- Trabalhos individuais, com caneta de feltro preta e aguarelas, inspiração Juan Miró;
- Desenho a lápis de carvão realizado no cavalete;
- Pintura livre a guache no atelier;
- Visita ao Atelier do 1º ciclo, espaço onde se “respira” Arte;

### 3 Anos B – A Música

Atividades realizadas:

- Ida ao Museu da Música Portuguesa;
- Pintura coletiva a guache;
- Trabalho coletivo a lápis de carvão;
- Cd’s trazidos de casa com as letras e músicas que ouvem e cantam com os pais;
- Modelagem de instrumentos em barro;
- Construção de instrumentos.

“A música é para dançar e rodopiar” **Leonor 3a**

“Música é “fazer barulho” com instrumentos” **Madalena 3a**

“Música é cantar” **Beatriz 3a**

### 4 Anos A – A Literatura

O grupo estudou os vários géneros literários. Ouviram poesias e contos, aprenderam lenga-lengas e rimas. Tiveram a sorte de poder convidar os pais para virem ler uma história à sala. Tem sido muito divertido e enriquecedor porque... quem conta um conto, acrescenta um ponto!

“Eu gostei que o meu pai viesse contar a história aos meus amigos. Gostei muito da maneira como o meu pai contou a história!” **Catarina 4a**

“O pai da Catarina leu muito bem a história. Gostei muito!” **Madalena 4a**





#### 4 Anos B – A Dança

Atividades realizadas:

- Ida ao Conservatório Nacional de Dança onde assistiram a uma aula de Ballet Clássico e outra de Ballet Contemporâneo;
- Assistiram a uma aula de Hip-Hop de um grupo de alunas do 5º ano dada por uma professora do Colégio;
- Exploraram e visionaram na Net filmes sobre os diferentes tipos de dança;
- Trouxeram trabalhos sobre a dança feitos em casa com a ajuda dos pais.

“A dança é as Sevilhanas que é de Espanha” **Matilde 4a**

“A dança é Ballet” **Catarina 4a**

#### 4 Anos C – A Escultura

Atividades realizadas:

- Visita guiada ao Museu da Gulbenkian (O que é uma escultura?);
- As crianças recolheram informações em casa sobre uma estátua à escolha. Trouxeram para a sala e partilharam com os colegas aquilo que aprenderam com os pais em casa;
- Sapatos em pasta de papel;
- Escultura em gesso a partir de um molde.

“As estátuas são senhores ou senhoras ou animais ou coisas, de pedra ou de bronze.” **grupo de crianças de 4 anos**

“Os sapatos também são esculturas, mas são de papel.” **grupo de crianças de 4 anos**



#### 5 Anos A – O Cinema

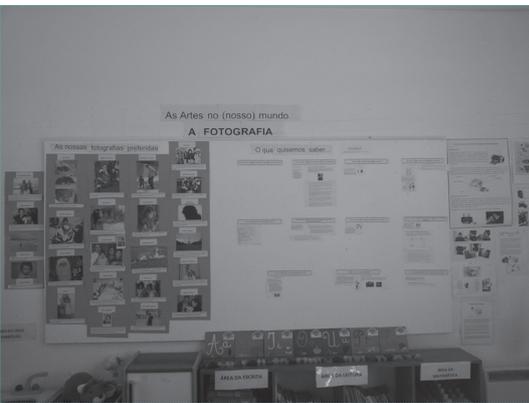
“Aprendemos como se faz um filme, o que faz o realizador, quais são as máquinas para filmar e as palavras “ação/corte”. Está a ser giro e divertido!” **Dinis, Leonor e Inês.**

O ponto de partida da nossa viagem no mundo do Cinema, foi uma visita à Cinemateca Júnior. A história do cinema foi um conhecimento enriquecedor, que motivou para uma pesquisa de saberes e de realização de atividades, desde histórias transparentes, sombras chinesas e construção de materiais – máquinas de filmar, claquetes, passeios da fama e até óscares-. Em breve vamos fazer um *workshop* de mímica ligada ao cinema mudo, realizar um filme e ainda assistir às filmagens de um programa televisivo.

#### 5 Anos B – A Fotografia

“Baseando-nos nas aprendizagens e considerando a importância das imagens no nosso quotidiano e na assimilação de qualquer conhecimento, a fotografia pode ser um veículo de ancoragem no mundo concreto, promovendo o ser social” **Inês Afonso**

“O que eu mais gostei de fazer foi quando nós tirámos fotografias com as nossas câmaras escuras e quando o André nos tirou a todos uma fotografia com uma câmara escura e revelou-a.” **Alexandre 5a**



#### 5 Anos C – O Teatro

Atividades realizadas:

- Visita ao Teatro D.Maria II;
- Manuseamento de marionetas.
- História com fantoches;

“Gostei muito de fazer fantoches. Foi muito giro” **Enzo 5a**

“O teatro é onde as pessoas dançam e nos fazem rir. Gostei muito de ver o Robin dos Bosques” **Mariana 5a**

# educar para a descoberta e expressão artística



“Achas que a imaginação aparece por magia?” **Francisco Vinagre**

“A imaginação aparece quando fechamos os olhos e pudemos ver o que queremos pensar.” **Alexandre**

“Imaginar é pensar e quando pensamos aparece um desenho na nossa cabeça.” **Alexandre Carvalho**

“Criar é inventar uma coisa na nossa cabeça, como a nossa história, que vai do princípio ao fim.” **André Caetano**

“Criar é pensar para depois construir.” **Manuel Mendes**

“Para criar precisamos da imaginação.” **Sebastião Loureiro**

“Foi fácil criar e trabalhar em grupo porque foi só imaginar e, depois, juntar as nossas ideias às ideias dos outros.” **André Caetano**

E como as ideias eram boas, a história ficou ainda melhor.” **Rita**

“Gostámos de criar a história porque nos divertimos a pensar e a juntar ideias.” **João Pombeiro**

“Para fazermos a história utilizámos a gaveta do pensamento e a gaveta da criação” **Rodrigo Ribeiro e Dinis Falcão**

## Expressar artisticamente uma história de turma...

**Cláudia Viana** Professora de Filosofia para Crianças

Neste 2.º período, os alunos do Jardim de Infância dos **5 anos** estiveram envolvidos numa atividade interdisciplinar que culminará no 3.º período. Os objetivos visados passam pelo estabelecimento de relações entre várias áreas de conhecimento e entre várias disciplinas – a **Filosofia para Crianças e as Expressões Artísticas** –, pelo trabalho cooperativo e pelo desenvolvimento do pensamento criativo e sua comunicação.

Como ponto de partida, a criação de uma história de turma. Como meta, a história contada sob a forma de uma arte. Assim, e enquadrando cada história com o tema do Jardim de Infância, As artes no (nosso) mundo, as turmas A, B e C estão envolvidas na expressão das suas histórias através do cinema, da fotografia e do teatro, respetivamente.

Numa fase inicial, a criação da história de turma, os alunos percorreram os seus universos criativos e imaginativos. A vida que cada história foi ganhando dependeu dos mundos possíveis da suas imaginações, das suas originalidades na criação de uma história sem precedentes (apenas alguns fios condutores e estruturadores) e das suas preferências pelo pensar por si e pelo pensar com o outro, um pensamento maiêutico que ajudou a dar à luz a criação.

Posteriormente – estando esta fase em desenvolvimento – as histórias criadas ganharão uma nova expressão criativa que refletirá essencialmente a sensibilidade estética e o desenvolvimento de competências artísticas como as de motricidade fina, destreza manual, perceção de cor, forma e movimento, linguagem vocal e corporal.

**5 anos A** – “*O tigre comilão*”, a preparar um filme animado de sombras.

**5 anos B** – “*Luis e os amigos*”, a preparar uma história fotografada.

**5 anos C** – “*O gato malandro e ladrão*”, a preparar um teatro de fantoches.



## educar para o futuro

# Júnior Business Challenge

## Alunos do Valsassina participaram na final na cidade do Porto

Carlos Nabais Professor de Economia



O Instituto Português de Marketing (IPAM) apresentou mais uma edição do Júnior Challenge, um concurso que procurou desafiar o espírito empreendedor e o processo de tomada de decisões dos jovens, em particular dos estudantes do ensino secundário e profissional de todo o país: Saber tomar decisões empresariais em diferentes cenários.

Participaram neste concurso de nível nacional, alguns alunos do 10º e 11º ano de Economia do nosso Colégio. Foram constituídas várias equipas que iniciaram a sua participação no início de Setembro.

A EasyToy, constituída por 3 alunos do 10º ano de Economia, foi uma das 22 equipas apuradas para a final que se realizou no dia 28 de Fevereiro, nas instalações do Instituto Português de Marketing na cidade do Porto.



“No âmbito da disciplina de Economia, foi nos proposto a participação num concurso de gestão de empresas, realizado pelo IPAM – The Marketing School. O concurso iniciou-se em Setembro de 2013 e terminou a 28 de Fevereiro de 2014. Neste concurso participaram cerca de 250 equipas (do 10º ao 12º ano), das quais apenas 22 foram apuradas para a final presencial. O jogo consistia em gerir uma empresa produtora de carros de corrida de forma a conseguir ter o maior lucro relativamente às outras empresas (equipas). A nossa equipada chamava-se EasyToy.

Considerámos esta experiência enriquecedora, uma vez que aprendemos novos conceitos para a disciplina de Economia e pudemos lidar com concorrentes mais experientes. Estamos interessados em participar no concurso do próximo ano letivo e recomendamos aos restantes alunos de Economia que participem”.

Guilherme Pimenta, Luís Amaral e Maria Almeida 10º2

## OPEN DAY no Instituto Superior de Gestão

O Instituto Superior de Gestão convidou as 8 escolas secundárias presentes, a formarem equipas de 4 a 7 elementos para participarem, no desafio de gestão, integrado no seu OPEN DAY, que teve lugar no dia 11 de Março. Num ambiente de competição (cooperação e simultaneamente de competição), o evento consistiu na criação do produto do futuro.

O evento que tinha como lema “APRENDE, DECIDE e INOVA”, foi implementado em quatro fases: Conceção de um produto (business plan); Conceção de um protótipo do produto; Preparação do Elevator Pitch; Elevator Pitch (Apresentação do Produto).

Os alunos de Economia do 12º Ano do Colégio Valsassina participaram no OPEN DAY com duas equipas. A equipa 2 constituída pelos alunos Artur Amaral, João Sousa, Bruno Santos, Rodrigo Aranha, Miguel Almeida, David Madeira e Tiago Centeno desenvolveu e apresentou um produto e que lhe permitiu ganhar o Prémio de Criatividade.

“A manhã no ISG foi uma experiência espetacular! Conseguimos ter uma maior percepção da vida universitária e dos passos a seguir para criar um produto de sucesso. O OPEN DAY no ISG permitiu o desenvolvimento de competências e a aquisição de conhecimentos nas áreas da gestão e, em especial, no marketing. Este prémio é motivador”. Artur Amaral 12º2

## educar para a cidadania



**António Mateus** é licenciado pela UTL e jornalista profissional desde 1983.

Chefiou delegações da agência Lusa em Maputo (de 1986 a 1990) e Joanesburgo e acompanhou no terreno, durante 16 anos, os esforços de paz para Angola e Moçambique, a transformação política de toda a África Austral e a refundação da OUA em União Africana. Após a libertação de Nelson Mandela, em 1990, foi destacado para a África do Sul, onde permaneceu doze anos. Entrevistou inúmeras personalidades mundiais, como Nelson Mandela, Desmond Tutu, Chester Croker, Joaquim Chissano ou Frederik de Klerk. Foi o diretor-fundador da revista Focus, editor de Política Internacional da RTP, sendo atualmente coordenador de informação diária da RTP. Foi o primeiro conselheiro de informação da CPLP. É autor de vários livros: Homens Vestidos de Peles Diferentes, Selva Urbana e Mandela – A Construção de um Homem, e coautor de três outros livros coletivos.

No dia 18 de fevereiro estive no Colégio Valsassina para apresentar, aos alunos do 8º e 10º ano, o seu mais recente livro *Mandela – O Rebelde Exemplar*.

## Entrevista a António Mateus

No livro *Mandela – O Rebelde Exemplar*, escreveu de uma forma em que os leitores, sendo “jovens adultos ou adolescentes rebeldes”, se possam rever em Nelson Mandela. De que forma jovens como nós se podem rever em Mandela?

AM: Podem-se rever de todas as formas, desde a maneira como ele foi enquanto jovem, e essa foi a maior preocupação que eu tive, para perceberem que não faz mal nós cometermos erros enquanto jovens, não faz mal estarmos longe daquilo que admiramos nos outros ou em algumas pessoas, porque ele próprio, que é uma referência mundial hoje em dia, era extremamente imperfeito, era uma pessoa muito diferente daquela que se tornou. Ele escolheu construir-se a si mesmo como ser humano. Imaginem que ele tinha nascido um santo, que ele já tinha nascido assim perfeito, nós olhávamos para ele e dizíamos: “mas eu não nasci um santo, eu nunca vou ser como ele”. Agora, se ele nasceu muito pior do que nós somos, nós também conseguimos chegar ao mesmo sítio que ele chegou, desde que escolhamos isso, queiramos mesmo e aprendamos com os nossos erros e olhemos, como ele fez, para os saberes de outras pessoas e digamos “este homem tem razão”. Por exemplo, o Gandhi dizia uma coisa extraordinária que era “sê a mudança que queres ver no mundo”. A mudança no mundo deve começar por ti. Em vez de estares à espera que as outras pessoas mudem e penses: “Eu não vou mudar nada. Que adianta eu ser um tipo fixe se os outros todos à minha volta são sacanas? Não, esse é um pensamento errado. Se a mudança começar por mim, eu vou é preocupar-me em ser um ser humano bom, eu! Vou ser boa amiga da minha amiga, boa filha... Posso até fazer traquinices, não faz mal! Nós aprendemos com isso! E é isso que o livro traz. É a noção de que não faz mal errar, o que será pior para nós é se não dissermos a nós próprios: “Cometi um erro, vou aprender e vou tentar ser melhor”. Esse é o caminho.

Vinte e quatro anos após o início dessa experiência, o que o marcou mais como pessoa e como profissional?

AM: O valor da humildade e que as pessoas verdadeiramente grandes são mesmo humildes e não olham os outros de cima. As pessoas que normalmente querem rebaixar os outros, ainda têm muito a crescer. Sempre que, hoje em dia, vejo uma pessoa que tem muitas certezas das suas opiniões, respeito-a muito pouco, enquanto que uma pessoa que se cala a ouvir os outros, eu quero sempre ouvi-la, porque quem já tem a sabedoria de ouvir os outros, eu tenho, certamente, muito a aprender com ela.

Como caracteriza o papel de Nelson Mandela na África do Sul e no resto do Mundo?

AM: É um papel iluminador, porque nos dá uma pista para onde seguir. Cada vez mais temos uma crise de liderança, de referência de líderes políticos e pessoas que olhemos para elas e pensemos: “Eu vou querer ser como este ser. Este homem está mesmo preocupado com o futuro da minha geração, com o futuro do planeta. Eu sou um jovem e não olha para mim como um jovem, olha para mim de igual, olha para mim como um ser humano. Ele é mais velho do que eu mas respeita-me. Percebe que eu já sou um ser humano sólido e posso ser amigo dele, não olha para mim como se eu fosse menor só porque tenho menos anos. Não, ele vem ter comigo e leva-me. Isso é importante para mim. Eu tento ser as-

sim como pai. Eu sou pai mas gosto muito de ser amigos dos meus filhos e gosto que eles me digam “Papá, eu gostava muito de fazer isto. Deixas-me ir?” e eu deixo. Eu confio muito nos meus filhos, dou-lhes poder. Digo-lhes: “Querido, a vida é uma escolha”. Eu digo-lhes as implicações daquilo que eles escolhem. Depois eles escolhem, muitas vezes batem na parede e voltam para mim, porque eu os deixei que fossem eles a fazer a escolha. Se eu fechar as escolhas aos meus filhos, primeiro, eles não experimentam e depois, nunca têm a possibilidade de escolher por eles, e isto é muito importante para nós na vida.

#### Em 1990 foi destacado para África de Sul por ocasião da libertação de Mandela. Como via África do Sul na altura?

AM: Eu já conhecia bem o país.

#### E como é que imaginava Mandela?

AM: Não imaginava...

#### Porque já o conhecia?

AM: Não. Ninguém conhecia Mandela, porque há vinte e sete anos que não era publicada uma fotografia ou um dizer do Mandela a não ser um discurso muito curtinho que ele fez em 1985 da prisão. Ninguém sabia minimamente como era o Mandela. E o Mandela que saiu da prisão é muito melhor do que aquele que foi para a prisão. De repente o mundo inteiro ficou assim: “Então afinal este homem não vai dar cabo dos brancos e vingar-se?”. O Mandela é um homem extraordinário.

#### Então Mandela reconheceu que não estava a agir corretamente antes de ter ido para a prisão?

AM: Exatamente. Ele meteu a mão na consciência e disse, “eu pelo caminho que ia só ia perpetuar o caminho da maldade e da vingança. E o meu sonho não é esse, o meu sonho é que os meus netos e os teus netos possam ser amigos, viver juntos num país de arco-íris”. Era assim que ele dizia, o arco-íris representava a conjugação das raças como se fossem os diferentes graus do arco-íris.

#### Então pode sempre dizer-se que ele não se arrependeu de ter ido para a prisão?

AM: A maior mágoa que o Mandela guardou no coração até morrer foi não ter podido ser um pai como deve de ser. Na prisão eles só podiam ver crianças com mais de dezasseis anos e as duas filhas dele, uma tinha 2 e a outra tinha 3 quando ele foi preso. Portanto, ele teve treze anos sem ver as filhas.

Ele quando saiu da prisão, adorava crianças, mas genu-

inamente adorava crianças. Vocês se andassem ao pé dele, ele vinha ter convosco para vos fazer festinhas, ele era assim genuinamente.

Ele sentia que a bondade e o amor e a potencialidade do mundo ser melhor está todo integralmente em vós. E portanto, os adultos estão no caminho completamente errado quando tentam esmagar-vos. Vocês têm que ser estimulados a crescer, e serem livres, numa forma estimulada, segura e dando vos a escolher. Mas nós adultos cometemos tantos erros, tantos erros, tantos erros, no processo de sermos pais, o primeiro é logo o reconhecermos que não cometemos erros.

O meu pai nunca me disse que gostava de mim, nem uma única vez. Eu todos os dias digo aos meus filhos que os adoro, todos os dias. Percebes? Tu sentes a falta disso.

Nós sentimos todos a falta de amor. Nós os latinos não somos isso. Nós somos muito permeáveis a quem nos dê carinho, a quem nos respeite, a quem vem ter connosco quando estamos tristes. É tão bom ter esta atitude na vida, é tão bom, porque isto volta tudo para nós. Quando vocês depois adormecem à noite, pensam “Estou tão feliz!” Tu olhas-te ao espelho e sentes-te feliz! Sentes-te um ser humano bonito. Isso é o maior tesouro que a vida nos pode dar. Esta capacidade de dizer “O caminho é este!”.

Quando o Mandela morreu e foi sepultado, quando o caixão dele desceu à terra eu não consegui falar mais. Foi quando eu senti “olha, foi aquela pessoa, aquela”. É como vocês terem o amor da vossa vida.

#### Qual é, na sua opinião, a lição mais importante que podemos tirar da vida e obra de Mandela?

AM: A noção de que nós não somos ilhas de solidão e que o caminho mais fácil para sermos felizes é cuidar da felicidade dos outros.

**Frederica Valsassina, Inês Sequeira, Maria Carolina Gonçalves, Maria João Sancho, Marta Martins 10º2**



# educar para uma cidadania ativa



A sessão de apresentação das várias moções contou com a presença de todas as turmas do secundário. No dia 21 de janeiro, um dia após a apresentação e discussão das moções, realizou-se o ato eleitoral para apurar a lista que irá representar o Valsassina na sessão distrital.

## Parlamento dos Jovens

O programa “Parlamento dos Jovens” é organizado pela Assembleia da República em colaboração com outras entidades, com o objetivo de promover a educação para a cidadania e o interesse dos jovens pelo debate de temas da atualidade. Procura ainda incentivar o interesse dos jovens pela participação cívica e política e sublinhar a importância da sua contribuição para a resolução de questões que afetam o seu presente e o futuro individual e coletivo, fazendo ouvir as suas propostas junto dos órgãos do poder político;

Este ano, o tema proposto para discussão no ensino secundário foi “A Crise Demográfica: Emigração, natalidade e envelhecimento?”. Nós encabeçámos a **lista “D”**, juntamente com o nosso colega **Bernardo Pimenta**, tendo vencido a sessão que decorreu no colégio, onde concorreram oito grupos distintos. Após esta vitória, a nossa participação será prolongada a nível distrital e posteriormente, em caso de passagem, nacional.

Na verdade, esta experiência revela-se bastante enriquecedora, na medida em que abordamos temas que, por vezes, são tratados com uma subtilidade que não nos coloca alerta para estas questões, sendo este um projeto que visa exatamente focar os grandes problemas do nosso país. Por outro lado, o “pequeno político” que vive dentro de nós está a ser testado, podendo nós, desta forma, desenvolver novas competências, contactando com novas pessoas, ideias e conhecimentos.

Assim sendo, apresentamos em seguida o nosso projeto de recomendação.

### Exposição de motivos:

Atualmente, Portugal encontra-se numa grave situação de envelhecimento demográfico. Prevê-se que em 2050, cerca de 80% da população se apresente envelhecida e que a idade média se situe próxima dos 50 anos. Este envelhecimento deve-se essencialmente a quatro grandes causas: a quebra da natalidade, o aumento da esperança média de vida, o elevado número de emigrantes e o abrandamento da imigração.

Primeiramente, a redução da natalidade é um fator de grande peso no envelhecimento da população, visto que leva à diminuição da população jovem. Nos últimos anos, o número de idosos tem ultrapassado o número de jovens. Em 2011, nasceram apenas 97 mil crianças e as mortes têm-se mantido sempre acima das 100 mil por ano (104 mil, em média, desde 2007). Esta quebra da natalidade, originada, entre outras razões, pela crescente participação da mulher no mercado de trabalho, o aumento dos encargos com a educação e saúde e a vulgarização e eficácia dos métodos contraceptivos, põe em causa a renovação das gerações. Desde os anos 80, Portugal tem tido um índice sintético de fecundidade sempre inferior ao valor mínimo de 2,1, o que põe em risco a renovação das gerações.

Para além da quebra da natalidade, o aumento da esperança média de vida, que tem contribuído para um decréscimo da mortalidade, leva a um aumento do número de idosos. Em 30 anos, a população idosa passou de 11% para 17,5%. Este envelhecimento demográfico faz com que a população portuguesa apresente um nível de dependência de idosos cada vez mais elevado, o que implica um aumento dos encargos do Estado com a saúde, pensões e reformas.

Esta tendência terá repercussões, a longo prazo, na estrutura da população ativa. Com a população superior a 65 anos a crescer significativamente, o sistema de pagamento de pensões e reformas será sobrecarregado, já que existirão menos jovens e, conseqüentemente, menos contribuintes para esse mesmo sistema. Havendo menos liquidez financeira, o sistema de Segurança Social entrará em rutura.

A juntar a toda esta situação, a emigração, nos últimos anos, tem vindo a aumentar para valores alarmantes e superiores aos registados na década de 1960, como resultado do agravamento da crise económica e desemprego. Em 2012, mais de 120 mil portugueses deixaram o país. A população que emigra é, na sua maioria, jovem e, por isso, em idade de procriar, o que agrava ainda mais o problema da baixa natalidade. Por outro lado, a população emigrante é altamente qualificada, o que representa uma enorme perda de capital humano, que é essencial para uma economia competitiva.

Portugal está igualmente a perder imigrantes. Por um lado, há menos pessoas a entrar, e por outro, há mais imigrantes a optarem por regressar ao seu país de origem.

Há uma relação direta entre o desemprego e o saldo migratório: enquanto este foi positivo, a taxa de desemprego manteve-se baixa, chegando a atingir mínimos de 4% em 2000. Devido ao contexto atual e ao saldo migratório negativo, conclui-se que, resultante de uma menor entrada de imigrantes e maior saída de portugueses para o estrangeiro, o desemprego tem vindo a aumentar, o que reflete a importância da imigração em Portugal.

Nos últimos 2 anos, entre o crescimento natural negativo e o saldo migratório também negativo, Portugal perdeu 85 mil pessoas.

### Medidas propostas:

a) Sendo a reduzida natalidade um enorme travão ao avanço e crescimento do país, deveriam ser adotadas medidas natalistas que deem apoio económico às famílias que desejem ter filhos e que permitam uma maior conciliação entre a vida familiar e a profissional.

Estas poderiam passar por: um aumento no abono de família; facilidades na concessão de crédito à habitação a famílias numerosas ou em vias de se tornarem; alargamento de licenças de maternidade e paternidade, visando a criação de condições para que aqueles que pretendam ter filhos possam ter disponibilidade para cuidar deles. Neste caso, o posto de trabalho de quem beneficia desta licença deve ser salvaguardado. Por fim, uma maior incidência de estabelecimentos de ensino pré-primário, assim como jardins de infância e berçários, com horários flexíveis e mensalidades reduzidas ou nulas.

b) Como a emigração é uma questão determinante para o futuro de Portugal, deve apostar-se na qualidade da formação dos jovens e na sua preparação para o mercado de trabalho, criando condições para que possam trabalhar no país.

Para que se concretize essa permanência em Portugal, o Governo português poderia promover a criação de mais estágios, remunerados ou não, e conceder incentivos fiscais a empresas que gerem emprego, de modo a fixar os trabalhadores que, desta forma, contribuirão para o sistema de Segurança Social, garantindo assim que pensões e reformas possam continuar a ser entregues a quem delas depende. A permanência destes jovens está também relacionada com a criação de novos negócios e, assim sendo, a atribuição de ajudas à iniciação de atividade económica incentivaria o não abandono do país e a conseqüente promoção do mesmo.

c) Como a deslocalização de empresas do interior está diretamente relacionada com o aumento da emigração, é crucial evitar os encerramentos e aumentar os novos investimentos no país.

Uma redução na contribuição taxada às empresas, o IRC, possivelmente para valores abaixo dos 20%, atrairia investimentos exógenos, já que as grandes multinacionais encontrariam vantagens em estabelecerem-se em Portugal.

A criação de parques empresariais no interior do país não só dinamizaria regiões que se têm vindo a tornar desertas e particularmente envelhecidas, como também geraria emprego. Conseqüentemente, verificar-se-ia um aumento do poder de compra da população e, acima de tudo, a obtenção de emprego por parte de famílias desempregadas e mais desfavorecidas permitir-lhes-ia ter filhos, já que muitas decidem não os ter por falta de condições económicas.

**Diogo Azenha, Maria Carolina Gonçalves 10º2**



# educar para o multilinguismo

## Public Speaking

Paula Gouveia e Patrícia Mendes Professoras de Inglês



No dia 21 de Fevereiro, decorreu a sessão de escola de Public Speaking no anfiteatro 17 do colégio Valsassina.

Os alunos desenvolveram o tema "To Be Human is to Discuss", que foi a proposta da *Public Speaking Union* para este ano letivo.

Dez alunos do 11º ano e um aluno do 12º discursaram perante uma plateia composta por todos os alunos de 10º e de 11º anos.

O júri foi composto por dez professores; de Inglês, de Filosofia e de Português e por um aluno participante no ano passado, Manuel Portela.

A sessão decorreu perante uma audiência muito atenta e interessada.

Os textos seguintes são discursos feitos nesse dia e ilustram o espírito litigante e inconformado dos nossos alunos.

A capacidade de provocar e agitar consciências é o objetivo desta atividade que o Colégio tem vindo a desenvolver, desde há vários anos, em parceria com o *British Council* e a *Public Speaking Union*.

### "TO BE HUMAN IS TO DISCUSS"

"To be human is to discuss". The first time ever I heard the theme I would have to work with, I was confused by it. It is such a wide theme, but definitely not an empty one. I found it very amusing trying to look for a topic and watching the others do so as well. But then I realised what made me squirm. And I made that my topic.

As I speak, I wish to see you squirm. I wish to see you reach an understanding with what I've been saying.

Nowadays, we seem to live for minorities, whichever they are. We defend those minorities with everything we have. We call ourselves somewhat liberate because we allow those minorities to reach a majority.

Everytime we engage in a friendly discussion on whether or not to support minorities, it will most likely end up in a wrestling match.

One of the most strongly supported minorities right now is Gays.

Gay people have been openly fighting for their rights since Harvey Milk. And they've conquered a huge portion of ground on that battlefield. However, I fear that the supporters of those movements have become territorial.

I've come across an interesting situation a while back. My classmates and I, along with our teacher, started a little and harmless debate on several topics. And what happened at some point shocked me. While we were discussing whether we were for or against adoption by parents of the same gender, someone said he didn't support it. And all hell broke loose.

This is what I don't understand: are we or are we not in a free country? Are we or are we not allowed the privilege of free speech? I, personally, am a supporter of Gay rights; and I believe that, as human beings, they should enjoy the same rights as others. I am not here to defend the people who are against or for Gay people's rights. I am here to defend the rights of people who have freedom of speech and expression to expose their opinions. Nevermind the fact that a person might have a similar or a different opinion from yours. One has the right to say what one wants and it is your responsibility to respect it. Not to agree with it. But ultimately respect it. If one happens to disagree with an opinion then they should wait for their own turn to expose his or her arguments. "Courage is what it takes to stand up and speak; courage is also what it takes to sit down and listen" - Winston Churchill.

I've chosen Gay rights as an example which I consider a very good one since it has become a great deal all around the world right now. I chose this example as I could've chosen something else and the point would still be the same. "To be human is to discuss" That's what I'm aiming for.

This lack of respect for other people's opinions started to show itself on religious matters, as well. Whether it's on the topic of Gay rights or marrying before having sexual relations, religious people are seen as oppressing, conservative and narrow-minded. That they should open up their minds to modern situations and that they shouldn't interpret the Bible or other religious book in a certain way, because it was written so long ago and it is no longer updated. But they have their beliefs, and God might be what they believe in and they have the same rights as you to say whatever that belief applies to. Just because they might be against gay marriage or against losing virginity before marriage, it doesn't mean that they disrespect the ones who aren't. And that should go the other way, as well. They shouldn't be afraid of speaking up, and that is what's happening because people, nowadays, take opinions too personally, as if different opinions were meant to be a blow to their integrity.

It is good to discuss ideas, to confront real "out of the box" thoughts with the thoughts we believe are "out of the box" but end up being the ones most "inside the box". And to engage in friendly debates should be none other than educational and engaged in respectful tones. Bono, of the U2 band, once said that "to be one and united is a great thing. But to respect the right to be different is maybe even greater". It applies to this as well.

Now it's up to you. You might disagree with me and, when I finish talking what probably sounds gibberish to you and walk back to my seat, you might want to fight my ideas. Please do so. And I'll continue making my point by listening carefully and respectfully. However, I do wish you take some time to think about what I've said. Chew on it as if it were the most delicious meal and only stop chewing when you've reached a conclusion that you think it's acceptable and for which you have reasonable and grounded justification. Be your own Queen of Hearts and decide if it's going to be "off with my head" or "off with its head"; off with this new form of discrimination. What's it going to be?

Donald Sutherland, an outstanding actor, has said something I want you to dwell on and never to forget: "What the nation's built on is discussion, contradiction and growth, and at the moment you can't discuss anything. If you do start to discuss it, you get criticized. If people hate us, you have to find out why and solve that problem."

Now, is it really that much of a conundrum?

**Maria Inês David 11ª IA**

### BARBIES AND KENS

One would think that by now people would be treated equally. Even now, in the 21st Century, women keep getting overpowered by men. Society's mentality needs to change and that can be done in a very simple way, Education. Everything comes down to this simple concept. We are society and we are the ones who need to change.

Feminism is a movement that defends equal rights for everyone, not only women's. Feminism is about women's rights really. But why do we need it?

For centuries women have been considered inferior, a "toy" men could play with. Even the word "woman" reflects on that mentality, it describes women as men with wombs.

Nowadays, judgment happens daily. Think about high school years, if a teen doesn't fit a certain pattern, a mould set by our society, they don't get accepted and acceptance is what a human being seeks above all.

Needy, bitch, bossy and slut, these words are a burden women carry around, they have all been used to describe women at some point. Words created by men in a society that still doesn't speak

equality. If a girl is craving attention she's called "needy" while a guy in the exact same situation is being "sentimental". If a girl is strong-minded and actually does speak her mind, society sees her as a "bitch". If she's a strong believer in something or refuses to give up on her high standards that she has established, she's judged. Same thing with the word "bossy". "Slut"; how often do we hear this word? A word loaded with chauvinism, invented by men so that us, women, got judged about what we wear and what we do. How about men? Do we think of boys the same way? The truth is that we don't because we were taught that only women can be "bitches" and "sluts".

My brother should be able to wear pink shirts without being called "too girly" and watch "girl movies", also called chick flicks, without being made fun of or have his manhood questioned.

Girls are taught to feel ashamed about their bodies and told that they need to cover up. School keep over sexualizing girl students' bodies and tell them what to wear because, for example, skirts or shorts are, and I quote from an actual American school announcement, "too distracting", instead of teaching male students not to make a big fuss over female body parts.

Female victims of rape shouldn't be asked what they were wearing or how much they had to drink when the rape occurred, it doesn't matter. It should never matter! Did you know that one in four college women report having survived rape or having suffered attempted rape since their fourteenth birthday? Moreover, there is a study by the U.S. Centers for Disease Control, which interviewed 5,000 college students of over 100 colleges and 20% of women answered "yes" to the question "In your lifetime have you ever been forced to submit to sexual intercourse against your will?" Thus, one in five college women has been raped at some point in her lifetime. 99% of the rapist/perpetrators are men and 84% of those have said that what they did was definitely not rape.

If men are raped that should be a serious matter and those who report their rapists shouldn't be told they "weren't really raped".

Instead of girls being taught what they can do to "prevent rape", everyone should be taught not to rape.

Songs like "Blurred Lines" keep being played everyday, this song advertises rape and if you look into the lyrics it is composed by phrases rapists often say to their victims. I am expected to accept it because "It's just a song", right? Wrong. It all starts that way. "I know you want it", that's the most common thing rapists say and guess what, that's part of chorus line of this song. I find this song deeply offensive and yet I am expected to "live with it".

Tony Abbott, Australia's current Prime Minister, has offended me throughout his speeches. This politician has been defending a sexist, misogynistic, racist, homophobic and any kind of discriminatory behaviour. When it comes to immigration he says: "Jesus knew there was a place for everything and it's not necessarily everyone's place to come to Australia"; in what women are concerned "The problem with Australian practice of abortion is that an objectively grave matter has been reduced to a question of the mother's convenience" and "I think it would be folly to expect that women will ever dominate or even approach equal representation in a large number simply because their aptitudes, abilities and interests are different for physiological reasons"; on homosexuality "If you'd ask me for advice I would have said to (...) adopt sort of "don't ask, don't tell" policy about these things"

I've just presented a few reasons why we need feminism today and whenever you say we don't need it, think twice about it, don't start judging others and please get educated. We, society, are the ones who hold the power.

**Rita Hormigo 11ª IA**

# educar para uma cidadania ambiental



## Do outro lado do muro

**Isabel Raimundo** Coordenadora do 1º ciclo

Precisamente este ano, em que se assinala o **Ano Internacional da Agricultura Familiar**, a Câmara Municipal de Lisboa atribuiu ao Colégio um talhão de cultivo, uma "Horta Urbana", situada no Parque Hortícola do Vale de Chelas, mesmo aqui ao lado, do outro lado do muro do Colégio.

Dada a proximidade da horta, os alunos podem facilmente deslocar-se para semear, plantar, regar e finalmente colher os diversos produtos que semearmos.

Podem, assim, seguir o produto "da semente ao prato", aprendendo a perceber a importância que a agricultura tem em termos de alimentação saudável e de economia familiar.

Neste âmbito pensamos desenvolver vários projetos, tanto de formação, como ações mais práticas, como trocas de sementes e plantas, pequenas feiras, confeção de alguns pratos com "os nossos ingredientes", captação fotográfica e criações de Expressão Plástica, recolha de provérbios e rimas e histórias tradicionais, quer a nível interno, quer externo.

Dentro deste âmbito teremos a UNESCO e a QUERCUS como parceiros, podendo as famílias interessadas envolver-se, se sentirem apetência por estas questões, dando sugestões, formação ou mesmo "ajuda no campo".

Como as condições climáticas não têm sido favoráveis, só em meados de fevereiro pudemos começar esta nova atividade. Por enquanto, só os alunos do 1º ano foram "amanhar a terra". Tem sido gratificante ver o entusiasmo com que vão à horta e nota-se pelas suas frases as descobertas que têm vivido. Em breve vamos poder alargar a iniciativa a outros anos de escolaridade.

Para além da agricultura em si, pretende-se que os alunos interiorizem desde cedo a ideia de que "quem semeia, colhe" e essa é uma perspetiva pedagógica que muito nos interessa desenvolver e aprofundar com os alunos.

**"Fomos plantar couves, fomos nós que pusemos a terra que segura a planta das couves" Duarte Costa**

**"Estávamos a fazer escavações e encontramos um azulejo do tempo dos reis!" Inês Chagas**

**"Encontrámos uma terra muito molinha, metíamos os dedos e a terra partia-se, ia para baixo..." Sofia Varandas**

**"Encontrámos fósseis..." fósseis é terra e depois os animais ficam lá presos, a terra seca e os animais transformam-se em pedra" Assunção Costa**



Caros colegas,  
Para preservarmos melhor a nossa escola devemos evitar deitar lixo para o chão e tentar não estragar a Natureza.

Lembrem-se: Escola bonita é escola limpa!

Obrigado pela vossa compreensão.

**Frederico Pereira 5°C**

Caros Colegas,  
Venho lembrar-vos que, cada vez mais, é importante preservar o ambiente para as futuras gerações. Por isso, não se esqueçam: Reduzam, reutilizem e reciclem.

**Vera 5°C**

Caro Colega,  
Gostas de manter a tua casa limpa e bem cuidada?

Lembra-te que a tua escola não é diferente.

Faz como eu: Ao meio ambiente não sejas indiferente.

**Inês Rodrigues 5°C**



## Recados ambientais

**Carla Almeida Professora da Português**

A disciplina de Português promove, desde o ano letivo passado, uma atividade denominada Questão da Semana em que os alunos do 2º ciclo refletem sobre vários assuntos do quotidiano, com o objetivo de estimular o desenvolvimento do espírito crítico. O facto de o colégio ser uma Eco-escola, bem como o projeto Espaço Quinta deram o mote para os alunos do 5º ano escreverem um recado aos colegas a relembrar a importância de preservar o meio ambiente no Colégio Valsassina.

Aqui ficam alguns exemplos.

## Floresta comum

**João Gomes Coordenador Eco-Escolas**

Para aumentar a mancha verde e potenciar a biodiversidade da cidade, a CML está a dinamizar no Parque da Bela Vista, no âmbito do “Floresta Comum”, a plantação de 2000 Pinheiros mansos e 410 Azinheiras, árvores autóctones, bem adaptadas ao clima e solo de Lisboa.

O “Floresta Comum” tem como missão promover a produção, angariação e distribuição de árvores autóctones, a projetos que demonstrem motivação, comprovem competências e possuam os meios necessários para proceder ao plantio e cuidado das florestas que tencionam plantar.

O objetivo é fomentar e incentivar a criação de uma floresta com altos índices de biodiversidade e de produção de serviços ecológicos, fazendo chegar os conhecimentos e as árvores às pessoas e instituições que possuem vontade e condições para intervir. Pretende-se, assim, envolver a comunidade e potenciar a criação de estruturas e redes locais de recuperação da floresta autóctone portuguesa.

Pelo trabalho que o Colégio Valsassina tem desenvolvido na área ambiental e sustentabilidade fomos convidados pela CML a participar na ação que se realizou no dia 10 de março.

Participaram os alunos das turmas **5ºA; 5ºD; 6ºB; 6ºC** que plantaram 70 azinheiras e 50 pinheiros.

Foi uma boa ideia, pois para além de plantarmos espécies autóctones (“típicas” desta região) aprendemos mais sobre estas plantas e tivemos uma aula ao ar livre, com algum exercício físico.

**Mafalda Pinto, Lopo Silva e Luís Aguiar 6ºB**

Plantar árvores é dar vida. **Ricardo Conchinha 6ºB**

As árvores ajudam a purificar o ar, através da fotossíntese. E é sempre bonito passar por uma paisagem ou floresta. **Margarida Silva 6ºC**

Foi muito interessante. Aprendemos a plantar árvores e ajudámos a recuperar uma zona sem vegetação. **Francisco Moreira 6ºC**

## educar para a ciência

## Sciencecalifragilistic – uma viagem ao método científico



Na sequência do projeto Sciencecalifragilistic da Fundação Champalimaud, foi-me proposto o laboratório 2, relativo às moscas e aos sapos. O objetivo do meu grupo é perceber se o dióxido de carbono repele ou atrai as moscas. **Catarina Soeiro 10<sup>ª</sup>A**



Imagens cedidas pela equipa de coordenação do projeto Sciencecalifragilistic.

O Sciencecalifragilistic – uma viagem ao método científico, é um projeto do Programa de Neurociências da Fundação Champalimaud (CNP), que pretende promover o pensamento crítico, a curiosidade, a criatividade e a vontade de questionar.

A educação e a ciência unem-se nesta viagem onde investigadores, professores e alunos do ensino secundário são guiados pelas diferentes fases do método científico, desde a formulação de questões e hipóteses, às respostas e conclusões, passando pela recolha, análise, discussão e comunicação de resultados.

Para a edição 2013/14 do Sciencecalifragilistic foram apresentadas mais de 140 candidaturas. Após a avaliação das mesmas foram selecionados apenas 12 alunos e 4 professores para integrarem este projeto. O Colégio Valsassina foi uma das escolas selecionadas, sendo representado pelos alunos, do 10<sup>ª</sup>A, **Catarina Soeiro, Mariana Carrasco e João Brito**, pelo professor **João Gomes**.

Desde os primórdios da humanidade que o homem sempre percebeu que tudo o que se passava à sua volta tinha uma razão de o ser, e não demorou muito tempo até se aperceber que para além de todas as leis da física e protocolos da natureza que o rodeavam, o que lhe permitia aperceber-se disso, assimilar toda essa informação, raciocinar e descobrir novas coisas era o cérebro. A proposta de participar no sciencecalifragilistic foi-me feita pelo meu professor de Biologia e após essa seguiram-se muitos momentos de deliberação sobre como é que iria escrever a carta de motivação. Acabei por chegar à conclusão que o melhor a fazer seria falar do meu interesse pelas áreas de investigação que, para além do grande incentivo que me deram a participar neste projeto da Fundação Champalimaud, influenciaram bastante a escolha da área que seguiria. Na Fundação Champalimaud o nosso primeiro choque foi a liberdade que nos foi dada para realizar as experiências e elaborar os protocolos. Talvez o que deixou os participantes mais desconfortáveis ao princípio foi o facto de terem separado os estudantes das diversas escolas, apesar desse desconforto inicial, acabámos todos por reagir muito bem e deixámos as nossas competências sociais atuarem fazendo amizade com novos colegas de trabalho. A experiência de trabalho é única e de certa forma indescritível (é mais uma daquelas coisas na vida em que é preciso ver para crer), pois não é todos os dias que se pode contactar com cientistas com tamanha experiência no mundo da ciência, que para além de serem nossos orientadores são também uma imagem mais próxima e real do mundo da investigação, desmistificando-o um pouco. Demos também os primeiros passos no processo experimental (a vida de um cientista), que nos fez pensar, corrigir erros, resolver percalços, nunca evitando os chamados “becos sem saída” e o chamado “bater com a cabeça na parede”. **João Brito 10<sup>ª</sup>A**

Este ano, candidatei-me ao projeto “Sciencecalifragilistic”, desenvolvido pela Fundação Champalimaud, e fui, com muito gosto, selecionada. Durante o 2<sup>º</sup> Período, tenho estado a trabalhar com três colegas de escolas diferentes na Fundação, com a ajuda de três monitores. No nosso grupo o objetivo é estudar a aprendizagem, usando como modelo as moscas da fruta. Para isso temos feito testes de preferência com as moscas entre duas cores diferentes: azul e verde. Esta semana chegámos à conclusão de que, em média, provavelmente, não existe uma preferência por parte dos animais em questão. De seguida, iremos associar uma luz a um estímulo e, após várias repetições, tentaremos esclarecer se estas, afinal, têm ou não capacidade para aprender.

**Mariana Carrasco 10<sup>ª</sup>A**

# educar para os valores e diversidade cultural

## Sinagoga “Portas da esperança”

No dia 22 de Janeiro a turma do 7<sup>o</sup>A visitou a Sinagoga “Portas da esperança” em Lisboa.

Sinagoga é um termo de origem Grega que significa «assembleia», e o edifício assim designado tende preencher a tripla função de casa de oração, cento e estudo e reunião da comunidade. Mais do que um imóvel, a Sinagoga representa a comunidade espiritual que impõe e lhe dá razão de ser.

A sua decoração cumpre a um programa limitado. Sendo interdita, pelo Judaísmo, a reprodução de qualquer tipo de imagens humanas, recorre-se em grande parte a elementos simbólicos de tradição judaica, nomeadamente, Estrela de David, o candelabro de sete braços, a *menorah*, e o próprio *chofar*, chifre de carneiro cujo toque invoca a misericórdia de Deus, lembrando o sacrifício de Isaac.

E termos construtivos a Sinagoga é condicionada de forma fundamental por um preceito de orientação espacial, dado que a Arca que contém os rolos da *Torah*, deve estar virada para Jerusalém.

Nesta visita de estudo aprendemos muitas coisas sobre a religião judaica, como as festas, o seu calendário, a sua alimentação, o seu culto religioso, como são realizados os casamentos.

Quanto ao culto religioso, os judeus têm um dia dedicado ao louvor divino, o sábado (*Shabbat*). Seguem o calendário lunar, em que cinco meses têm a duração de 29 dias e outros cinco a duração de 30 dias. A duração dos restantes varia de ano para ano. O mês começa com a lua nova sendo os primeiros e trigésimos dias celebrados especialmente com cerimónias religiosas. Todos os alimentos que os judeus podem comer (peixes de pele escamosa, animais de casco bifurcado, etc.) são denominados de *kosher*. Os que não devem comer denominam-se de *treife* e incluem carne de porco, carne com sangue, peixes de pele sem escamas, qualquer alimento que misture carne com leite.

Os judeus têm festas religiosas como a Páscoa, *Pessah*, que recorda a libertação do Egito e celebra a Aliança de Deus com o povo de Israel e o Dia do Perdão, *Yom Kippur*, dia de total jejum em que os judeus pedem perdão pelos seus pecados.

Com esta visita de estudo à Sinagoga de Lisboa aprendemos muitas coisas sobre a cultura judaica e sobre os seus costumes e tradições.

**Filipa Tojal, Mariana Serra 7<sup>o</sup> A.** Trabalho elaborado no âmbito da disciplina de EMRC sob a orientação do professor **Paulo Vitória.**



# educar para a qualidade e excelência

## Avaliação Externa - Universidade de Oviedo Apresentação dos resultados 2013

João Valsassina Heitor Diretor Pedagógico

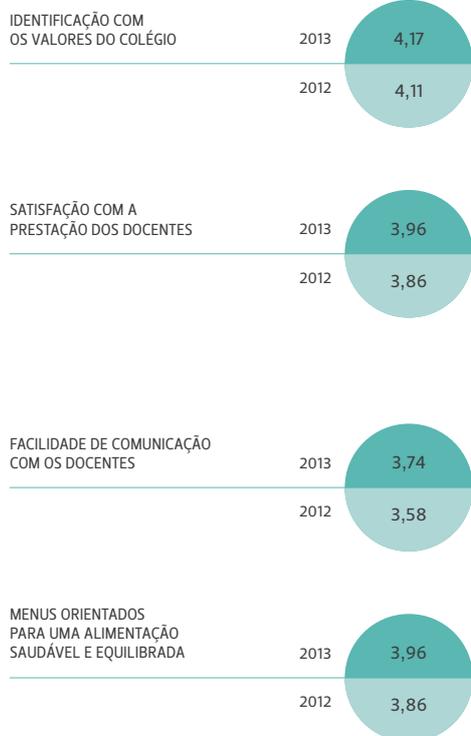
Ao longo de toda a sua história, o Colégio Valsassina tem posto em prática uma metodologia que pretende formar bons alunos, mas sem esquecer a dimensão humana que consideramos o pilar fundamental de uma formação equilibrada e globalizante.

No entanto, a nossa instituição não se limita a buscar as melhores posições nos rankings, mas vai além, no sentido de manter padrões de nível internacional.

E foi com esse objetivo que o Colégio Valsassina firmou um acordo para avaliações com o respeitado Instituto de Ciencias de la Educacion, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Oviedo. É um processo que analisa a evolução pedagógica do colégio através dos seguintes indicadores: avaliação do desempenho dos professores, através da observação das aulas e entrevistas individuais; avaliação feita pelos alunos do 5º ao 12º ano em regime de anonimato, e inquéritos ao grau de satisfação dos pais e encarregados de educação.

É a partir dos resultados dessas observações que o Colégio Valsassina toma as medidas necessárias para otimizar a qualidade do ensino, o que passa, por exemplo, pelo aperfeiçoamento constante dos seus professores.

O que estamos a apresentar neste momento são os resultados do processo realizado no período 2012/13, onde é possível perceber os níveis de resposta do colégio às exigências de um ensino vocacionado para formar os melhores alunos, mas, acima de tudo, os melhores cidadãos. A prova de que o investimento na qualidade faz diferença está nos dados abaixo.



### A EVOLUÇÃO DOS NÚMEROS

AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES PELA EQUIPA DA UNIVERSIDADE DE OVIEDO	MÉDIA
1. Leva as aulas bem preparadas	4,46
2. Explica de forma clara e organizada	4,31
3. Estimula a aprendizagem autónoma dos alunos	4,19
4. Motiva os alunos na aula	4,30
5. Adapta os conteúdos e actividades às dificuldades de aprendizagem	3,98
6. O seu sistema de avaliação é objectivo	4,58
7. Cria um bom ambiente de trabalho na aula	4,38
8. Estabelece uma comunicação fluida e cordial com os alunos	4,56
9. Corrige pontualmente as actividades e tarefas propostas	4,63
10. Em geral, o trabalho do docente é adequado	4,21
<b>MÉDIA GLOBAL</b>	<b>4,36</b>

PONTOS MAIS VALORIZADOS PELOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO



AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES PELOS ALUNOS DO COLÉGIO VALSASSINA [5º AO 12º ANO]	MÉDIA
1. Leva as aulas bem preparadas	4,10
2. Explica de forma clara e fácil de entender	3,97
3. Ajuda e orienta o estudo	3,83
4. Motiva para aumentar o interesse pela disciplina	3,77
5. Resolve as dúvidas apresentadas	4,06
6. Avalia de forma clara e objectiva	4,01
7. Mantém a disciplina na aula criando um bom ambiente de trabalho	3,88
8. A relação com o professor é amável e próxima	3,72
9. Entrega e corrige atempadamente os testes e os trabalhos	3,96
10. Cumpre o horário estabelecido	4,17
11. De um modo geral estou contente com o trabalho do professor	3,97
12. O professor de Língua Estrangeira usa predominantemente essa língua durante as aulas	4,41
<b>MÉDIA GLOBAL</b>	<b>3,99</b>

AVALIAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO [JARDIM DE INFÂNCIA]	MÉDIA
1. Identifico-me com o sistema de valores do Colégio	4,37
2. Estou satisfeito com o trabalho da Educadora	4,47
3. Estou satisfeito com o trabalho dos professores de Inglês	4,18
4. A comunicação com a Educadora é fácil e fluida	4,39
5. A comunicação com os Directores e Coordenadores é fácil e fluida	4,31
6. Existe um bom clima de harmonia e convivência entre as crianças	4,37
7. As actividades extra-escolares complementam a formação das crianças	4,08
8. As ementas que o refeitório oferece são equilibradas e saudáveis	4,09
9. O custo do Colégio corresponde à qualidade da sua oferta educativa	3,64
10. Em geral, a educação que compete ao Colégio corresponde às minhas expectativas	4,23
<b>MÉDIA GLOBAL</b>	<b>4,21</b>

AVALIAÇÃO DOS PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO [DO 1º AO 12º ANO - 75% DE PARTICIPAÇÃO]	MÉDIA
1. Identifico-me com o sistema de valores do Colégio	4,17
2. Estou satisfeito com o trabalho dos professores	3,96
3. A comunicação com os professores é fácil e fluida	3,74
4. A comunicação com os Directores e Coordenadores é fácil e fluida	3,96
5. Existe um bom clima de harmonia e convivência entre os alunos	4,02
6. Os professores mandam para casa uma quantidade de trabalhos razoável	3,71
7. As actividades extra-escolares complementam a formação dos alunos	3,80
8. As ementas que o refeitório oferece são equilibradas e saudáveis	3,65
9. O custo do Colégio corresponde à qualidade da sua oferta educativa	3,36
10. Em geral, a educação que compete ao Colégio corresponde às minhas expectativas	3,87

Estimados padres y madres:

En el curso 2012-2013 hemos realizado una nueva evaluación del centro, con el fin de detectar aquellos puntos débiles que pudieran condicionar la oferta educativa del Colegio Valsassina para, de esta manera, poder realizar los ajustes oportunos.

En primer lugar, queremos agradecer vuestra desinteresada y sincera colaboración, así como, el alto grado de participación.

En segundo lugar, informaros que los análisis realizados muestran una evolución más positiva que la obtenida en las valoraciones previas, en aspectos tales como la identificación con el sistema de valores del colegio (pasa de 4,11 a 4,17), la satisfacción con el trabajo del profesorado (pasa de 3,86 a 3,96), la facilidad en la comunicación con los docentes (pasa del 3,58 a 3,74) o la propuesta de menús orientada a una equilibrada y saludable alimentación (pasa de 3,61 a 3,65).

Por otra parte, teniendo en cuenta las observaciones reflejadas por los padres en el apartado puntos fuertes y débiles, hay una valoración muy positiva del nivel de exigencia y de la calidad de la enseñanza, de la organización de las actividades y tareas a desarrollar y de la convivencia escolar. En todo caso, hay propuestas de algunos padres sobre las que convendría reflexionar, aunque la mayoría de ellas tienen un carácter más extracurricular que propiamente educativo, como por ejemplo, instalaciones más modernas (piso sintético en el campo de fútbol, áreas cubiertas, espacios para el estudio autónomo, áreas de espera para los padres,...), variedad en cuanto a la oferta extraescolar y la vigilancia en los recreos, sobre todo, en los estudiantes de menor edad.

Por todo ello, el equipo directivo del colegio tendrá en cuenta, tanto los aspectos positivos como, sobre todo, aquellos otros aspectos para los que convendría plantear los cambios y mejoras oportunas y, de esta manera, seguir impulsando la excelencia educativa, puesto que la calidad de todo centro depende del apoyo y de la participación de toda la comunidad escolar.

Finalmente, volvemos a reiterar el más sincero agradecimiento del colegio por vuestra colaboración y apoyo.

**Luis Alvarez Perez, Coordinador da equipa de avaliadores da Universidade de Oviedo.**

# educar para a qualidade e excelência

## Quadro de Honra 1º P 2013 | 2014

5º ANO		
4199	Marta Jesus Maurício	5º A
4219	Pedro Miguel da Glória S. Rodrigues Gomes	5º B
5356	Lorena Barbosa Antunes da Silva	5º B
4670	Inês Maria dos Santos Rodrigues da Silva	5º C
5420	Maria Joana Facha Loureiro de Brito	5º D
5428	Maria Carolina Brito Caiado Correia Alemão	5º D
6º ANO		
4013	Ana Sofia Torre Amaral	6º B
5312	Mariana Andrade Lages Alves da Fonseca	6º B
4098	Joana Diogo Alves Correia	6º C
7º ANO		
4229	Mariana Brandão da Silva Fernandes Serra	7º A
3892	Duarte Tomás Cardoso Rezio Martins	7º B
5148	Afonso Brito Caiado Correia Alemão	7º B
5116	Pedro Miguel Martins Rocha Nunes Dias	7º D
5130	Rita Frada Reis Vieira	7º D
8º ANO		
3710	Gonçalo Caldeira Espinha Pinheiro Castela	8º A
3785	Guilherme Calais Grilo de Sá Fialho	8º A
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	8º A
4005	Margarida Serrão Rodrigues	8º B
4076	Beatriz Henriques Ferreira Martins Bernardo	8º B
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	8º C
4291	Francisco Henriques Botelho Severino Alves	8º C
4970	Afonso Morgado Mota	8º D
9º ANO		
3579	Joana Lima Grilo Fernandes da Silva	9º B
4100	Cláudia Teixeira Belo Marques	9º B
4696	Ana Rita Landeiro Filipe de Sousa	9º B
3869	Ana Machado Luís	9º C
3939	João Marques Pereira Nicolau	9º C
3941	Maria Inês Feliz Barreiros Gama	9º C
3944	Miguel Maria Magalhães Crespo	9º C
3946	Rita Teixeira Henriques de Miranda	9º C
3586	Sofia Matias Coimbra Martins	9º D
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	9º D
10º ANO		
3376	Mariana S. Espada Venâncio Carrasco	10º 1A
3393	Mafalda Viegas Dias Gomes	10º 1A
3922	Miguel Micaelo Bengala	10º 1B
5483	Aisha Ismail Ahmad	10º 1B
4606	Maria João Pessoa Araújo S. Sancho	10º 2
5045	Maria Carolina Osório Gonçalves	10º 2
11º ANO		
5035	Ana Alexandra Carvalho Reis	11º 1A
4892	Laura Cardoso Seara Gonçalves Cabeça	11º 2

12º ANO		
339	Gonçalo Lopes Martins e Pereira	12º 1A
386	Patrícia Bidarra Figueiredo C. Nascimento	12º 1A
997	Vasco de Sá Nunes Correia Diogo	12º 1A
3398	Diogo Filipe Pereira F. Fernandes Silva	12º 1A
3403	Tomás Quartin Bastos Almeida de Carvalho	12º 1A
3410	Carolina Madeira Fonseca	12º 1A
4204	Diogo Monteiro Pinto Caldas de Oliveira	12º 1A
4236	Pedro Neto Afonso Dickson Leal	12º 1A
4863	Catarina de Oliveira Soares	12º 1A
5177	Joana da Silva Cruz Gameiro Duarte	12º 1A
5183	Ricardo José Vareta Paiva	12º 1A
214	Francisco José Rodrigues Mendes da Silva	12º 1B
264	Manuel Maria da Costa Lorga Dias Portela	12º 1B
3413	Gonçalo Pires de Carvalho Mota Carmo	12º 1B
3652	José Alexandre da Costa Gameiro	12º 1B
3924	Alexandra Domingos Reis Pereira	12º 1B
4211	Vasco Frada Reis Vieira	12º 1B
5027	Miguel Gaspar Relvas do Nascimento	12º 1B
1410	Maria Margarida Pessoa Jorge Vaz	12º 2

## Alunos do Valsassina foram finalistas do Júnior Business Challenge

A equipa constituída pelos alunos, do **10º2**, **Maria Almeida**, **Guilherme Jacinto** e **Luís Amaral** foi apurada para a final do Junior Business Challenge. Esta competição foi dinamizada pelo Instituto Português de Marketing e procurou desafiar o espírito empreendedor e o processo de tomada de decisões dos jovens. A equipa do Valsassina ficou entre as 20 primeiras, entre cerca de 250 equipas.

## Prémio criatividade 12º2 - ISG

No âmbito da participação do Open Day do Instituto Superior de Gestão, os alunos da turmas **12º2**, **Artur Amaral**, **João Sousa**, **Bruno Santos**, **Rodrigo Aranha**, **Miguel Almeida**, **David Madeira** e **Tiago Centeno**, participaram num desafio de gestão que consistiu na criação do produto do futuro.

A solução apresentada permitiu-lhes ganhar o Prémio de Criatividade. Este prémio foi motivador para os alunos, que desde o início do ano estão a participar na iniciativa Academia Empreender Jovem da Associação Industrial Portuguesa (AIP) e que lhes tem permitido o desenvolvimento de uma cultura empreendedora.

# educar para o património e cultura

## Visitas de estudo – uma valiosa metodologia de aprendizagem

Ana Rebelo Professora de História e Geografia de Portugal

No âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal, os alunos do 6ºano, foram visitar uma Caravela Quinhentista.

Os alunos participaram e dramatizaram quadros da época. Tratou-se de uma aula ao vivo fruída intensamente pelos alunos.



Foi uma experiência fantástica, inesquecível e diferente das outras, pois vivemos a História e um momento histórico! Tivemos a oportunidade de fantasiar que estávamos no século XVI, e também de viver como um Rei, como um comerciante, como um marinheiro e até como um guerreiro árabe, protagonizando a vida de todas estas personagens! E ouvimos o som do mar rolar, lá fora, parecia tudo tão real! Foi épico **Federico Cestelli 6ºA**

No âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal, a minha turma visitou a caravela de Vera Cruz, uma réplica das antigas caravelas, nas quais os portugueses iniciaram as suas viagens pelo desconhecido. Na minha opinião, esta visita foi bastante enriquecedora, não só pelo facto de ficarmos com uma perspetiva mais clara das condições em que os marinheiros navegavam (o que comiam, bebiam e onde dormiam), mas também por termos visto, e alguns de nós terem feito, um pequeno teatro sobre a vida do rei D. Manuel. Em suma, acho que ficámos a conhecer e a perceber melhor uma parte dos descobrimentos de uma forma divertida e pedagógica. **Catarina Aderneira 6ºC**

Deu-nos a conhecer como se vivia a bordo destes barcos antigos: o que os marinheiros comiam, o que faziam, onde dormiam... vimos também vários instrumentos náuticos como o quadrante, a bússola e o astrolábio. No fim, fizemos um pequeno teatro baseado em tudo o que tínhamos aprendido. **Catarina Marques 6ºC**

A visita de estudo à nau foi muito interessante, porque aprendemos como os marinheiros viviam nas naus e como funcionava este tipo de barco. Foi uma visita de estudo diferente, porque no final fizemos um teatro, o que nos ajudou a perceber melhor a História de Portugal, pois estávamos a interagir diretamente. Acho que este tipo de visitas de estudo é bastante enriquecedor e motivador, pois ficamos mais interessados na matéria o que nos permite aprendê-la com mais facilidade. **Sofia Amaral 6ºB**

Esta foi uma daquelas visitas que nos fica na memória. Talvez pelas coisas que aprendemos, ou talvez pelo simples facto de termos tido uma aula fora de uma sala de aula. Quando entrei na caravela, senti logo uma vontade imensa de começar a visita, começar a aprender. **Mariana Reis 6ºA**



# Viagem de Finalistas 9º ano

## Londres

London, my Dearest of all Friends!

Londres... cidade dos sonhos. Pelo menos dos nossos, alunos do 9º ano, que todos os dias antes de lá pormos os pés pensávamos nela como uma longínqua miragem... e agora, semanas passadas após voltarmos de lá, só queremos regressar!

“Excitação” era a palavra do dia naquele sábado em que partimos. Eram 6 da manhã e estava toda a gente mais acordada do que às 11 numa segunda-feira normal! Até os professores estavam com melhor cara! Estava tudo a postos para umas férias fantásticas. Partida calma, praticamente sem percalços. Chegada não tão calma, pois a “eficácia inglesa” não foi tão eficaz no check-in do hotel. (nota: Se um cliente chega antes do almoço, não é suposto só ter quarto às 5 da tarde!) Mas nada estragaria o nosso primeiro dia em terras londrinas! Não demos o passeio pelo Tamisa, paciência! O jantar recompensou! E depois à noite, apesar das tentativas dos professores de nos controlar (foram ao meu quarto duas vezes nessa noite! Eu não faço ideia porquê...), lá fomos conversando sobre as primeiras impressões da grande cidade.

*Day 2.* O render da guarda foi desinteressante, mesmo. Além disso, o frio de fazer ranger os dentes não melhorava a situação. Mas como depois os museus foram interessantes, até se deu um desconto. Depois no Planet Hollywood os alunos e professores libertaram o seu espírito dançarino, para espanto (e desespero) dos que lá jantavam. Mas enganam-se aqueles que pensam que fizemos má figura! Nós entrávamos em qualquer programa de dança! O *Grande Sashem* (carinhosa alcunha que o grupo do stor Pedro Pereira arranjou para ele) até mereceu uma ovação... ponto alto do dia, de longe.

*Day 3.* Acordar às 7 começava a pesar. As noitadas faziam daqueles telefonemas para acordar uma tortura! Mas depois aquele *English Breakfast* dava-nos a energia necessária que precisávamos para sair do hotel apesar do frio (é que estava mesmo muito frio...). Uma visita ao Museu de Cera, que foi o museu mais divertido (não o melhor, mas o mais divertido) de todos, animou-nos nesta manhã gélida. Quem não gosta de tirar uma foto com o Bob Marley?! Depois uma visita a TATE Modern, onde não consegui levar a minha avante sobre a beleza e qualidade da arte contemporânea. Mais um bom jantar (no hotel comia-se bem...) e ir para a “cama”.

*Day 4. Shopping day!* Nunca tinha visto um bando de raparigas tão entusiasmadas! Só se falava de tops, calções e esse tipo de coisas. Parecia uma capoeira, o átrio do hotel! Eu estava no grupo de rapazes cabisbaixos que pensava que ia ficar uma manhã inteira sem nada para fazer, mas afinal até foi giro. Quando se tem amigos até fazer testes fica fixe!

Depois fomos ao British Museum, e aí cometi aquele que foi de longe o maior erro da viagem. Não prestei atenção nenhuma ao mais fantástico museu do mundo! Até me senti mal quando saí... Mas um jantarzinho num *pub* em Convent Garden (o local do jantar era à escolha do consumidor) serviu para lavar as mágoas.

À noite, mais histórias engraçadas, algumas delas que não devem ser referidas nesta crónica...

*Day 5. Last warning, we are leaving London today.* Que chatice! Estávamos a divertir-nos tanto, e tínhamos que nos ir embora. Mas pelo menos houve uma coisa boa: deixaram-nos dormir até às 8! Que sensação tão boa só ter que acordar uma hora depois do normal!

O último dia foi de longe, mas de longe, o pior. Estava tudo completamente deprimido, e nem os habituais comediantes de serviço conseguiram animar a cena. Sentir o avião a descolar de Heathrow coincidiu com o pensamento de todos: “Quero voltar!”

A chegada a Lisboa, e o reencontro familiar, soube a pouco... *I want to speak English again!* Chegados a casa, antes de contar as aventuras e desventuras londrinas, a maioria de nós foi meter-se na cama e dormir até às tantas do dia seguinte.

Hoje, escrevendo este texto, só consigo pensar numa coisa: “Mas porque é que eu me meti naquele avião para Lisboa?!”

**Manuel Cabral 9ºC**



## Cabo Verde Viagem de Finalistas 12º ano

O relógio marcava as 10:30 da manhã do dia 01 de março de 2014 e lá estávamos nós a receber os nossos bilhetes no aeroporto, rumo a Cabo Verde! Todos nós, mais de quarenta alunos e três professores, estávamos ansiosos por pisar o terreno do dito arquipélago africano. No avião, quando começámos a aterragem na ilha da Boa Vista, conseguíamos vislumbrar as longas praias cheias de dunas. Era verdadeiramente uma paisagem admirável aos nossos olhos. Depois de uma viagem sem nenhum imprevisto, entrámos numa carrinha, fora do aeroporto, que nos levou diretamente ao hotel Iberostar.

A primeira noite foi logo em grande! Depois do jantar, as pessoas do hotel começaram a dançar músicas típicas de Cabo Verde e ensinaram-nos alguns dos seus passos de dança. À beira da piscina as pessoas dançavam alegremente ao ritmo da música. Logo a seguir, chegou a hora do *Show Time*. Um espetáculo onde os animadores dançavam vários tipos de música com ritmos fascinantes, faziam algumas palhaçadas que proporcionavam grandes gargalhadas entre o público, e até faziam alguns truques de magia!

Os dias seguintes passaram-se, cada um melhor que o outro. Normalmente levantávamo-nos todos cedo, para ir tomar o pequeno-almoço, e depois passávamos a manhã na piscina a apanhar banhos de sol e a refrescarmo-nos na água. Depois do almoço, alguns de nós iam para a praia, mas outros preferiam continuar na piscina. Cada dia era repleto de atividades que o grupo de animadores nos propunha, tais como jogar futebol, Pólo aquático, Bingo e até mesmo dançar. Após tudo isto ainda tínhamos muito divertimento pela frente. Depois do jantar, vinha outro Show Time, todos os dias diferente, e seguido de uma maravilhosa noite na discoteca. O DJ, normalmente, deixava-nos escolher as músicas que queríamos e não parávamos de dançar até a discoteca fechar.

Estas longas noites passadas na discoteca e sempre supervisionadas pelos nossos atenciosos professores resultavam sempre em acordares custosos. No entanto, lá nos levantávamos na manhã seguinte ansiosos por mais um dia cheio de atividades. Uma das atividades que nos foram propostas pelo nosso guia foi uma viagem à cidade Sal Rei, onde teríamos oportunidade de fazer compras e de ver passar o desfile de carnaval. Ao chegarmos à cidade, já era notório o clima de festa que ia aumentando consoante a aproximação de mais e mais pessoas. Ainda assim, muitos de nós, enquanto o desfile não começava, iam regateando preços de loja em loja à procura do “souvenir” ideal para oferecer à família. Entretanto, já o desfile se preparava para começar e assim concentrámos as nossas atenções na tão esperada parada carnavalesca. A música, uma mistura do tradicional samba brasileiro com os ritmos africanos, contagiava a gente na rua que se ia juntando também ao desfile.

Os turistas, como nós, não perdiam a oportunidade de se juntar à ocasião participando assim na festa de carnaval da cidade de Sal Rei. Todavia, chegara a hora de regressar para o hotel e, ainda afetados pela animação do desfile, chegámos ao hotel depois de mais uma tarde maravilhosa.

No entanto, o melhor ainda estaria para vir. Dois dias depois iríamos ter a excursão aos principais pontos turísticos da ilha. Sendo assim, na manhã de quinta-feira, equipados com máquinas fotográficas e um sorriso na cara, partimos de Jeep à aventura. Passámos pelo Deserto de Viana, onde os alunos e até mesmo os professores não desperdiçaram a oportunidade de saltar e rebolar nas dunas. Daí seguimos em direção à famosa praia de Santa Mónica onde iríamos parar para almoçar. O almoço preparado para nós pelos locais consistia no peixe apanhado ao largo da ilha no próprio dia, uma experiência invulgar que nos soube deliciosamente. Já de barriga cheia e depois de uns mergulhos na água azul-turquesa, estava na hora de seguir caminho. Na vinda para o hotel visitámos a primeira povoação da ilha e convivemos com os seus habitantes. Sentimo-nos sensibilizados ao estar em contacto direto com um ambiente de pobreza. Os cachopos jogavam à bola na rua, as meninas entretinham-se a cuidar dos mais novos e todos reagiam à passagem dos nossos Jeeps querendo sempre a nossa atenção para a brincadeira. Enfim, que saudades!

No fim de contas, a viagem de finalistas foi uma experiência marcante para qualquer um de nós, cheia de boas memórias, repleta de amizades entre alunos e também professores. É também importante agradecer a todos os que contribuíram para a realização desta viagem e, em nome dos finalistas do 12º ano do ano letivo 2013/2014 queremos agradecer ao Colégio pela memorável oportunidade.

**José Gameiro e Alexandre Almeida 12º1B**



# Aconteceu...

## Fórum de Orientação Vocacional

O Fórum de Orientação Vocacional tem como objetivo proporcionar a partilha de experiências académicas e profissionais de ex-alunos do Colégio com os nossos alunos do 9º ano e assim permitir que estes se identifiquem e possam fazer algumas questões sobre as diversas áreas. Este fórum realizou-se entre dezembro e janeiro, num total de 4 sessões através das quais os alunos do 9º ano tiveram oportunidade de conhecer um pouco mais de áreas tão distintas como o Direito, a Arquitetura, a Biotecnologia, a Medicina, as Artes, entre outras.

## Concurso Nacional de Leitura

O Colégio participou, mais uma vez, no Concurso Nacional de Leitura, promovido pelo Plano Nacional de Leitura. A Prova local realizou-se no dia 8 de janeiro. Os alunos vencedores da prova local foram: **Rita Teixeira Henriques de Miranda 9º C**; **Joana Lima Grilo Fernandes da Silva 9º B**; **Filipa Dias Coelho Tojal Silva 7º A**; **Miguel Micaelo Bengala 10º 1B**; **Joana da Silva Cruz Gameiro Duarte 12º 1A**; **Manuel Maria da Costa Lorga Dias Portela 12º 1B**.

## 10º anos receberam escritor David Machado

No dia 8 de janeiro, os alunos do 10º ano receberam o escritor **David Machado** a propósito do livro "Índice Médio de Felicidade". Este é um romance admirável e extremamente atual sobre um optimista que luta até ao fim pela sua vida e pela felicidade daqueles que ama. Dramático e realista, confirma o talento de David Machado como um dos melhores ficcionistas da sua geração.

## 7º ano participa no Laboratório de Ilustração

No âmbito do projeto Fábrica de Histórias, as turmas do 7º ano na disciplina de Educação Visual, participaram num Laboratório de Ilustração, que decorreu na primeira semana de aulas do 2º período.

A atividade foi orientada pela **ilustradora Marina Palácio**, que para além de mostrar o seu trabalho, lançou vários exercícios práticos, com vista à ilustração da história escrita pelos alunos do 6º ano. Neste projeto multidisciplinar cujo objetivo é criar um livro a várias mãos, os alunos participaram com empenho dando respostas criativas aos exercícios propostos.

## Sessão sobre Voluntariado

Integrada no trabalho de sensibilizar para a preocupação e ajuda ao outro realizou-se, no dia 24 de janeiro, uma sessão em que foi partilhada com os alunos do ensino secundário a experiência pessoal de uma portuguesa vinda recentemente de África, mais concretamente da Zâmbia, onde esteve oito meses a desenvolver trabalho voluntário junto das comunidades mais carenciadas deste país.

## Peditório - Ass. Amigos de Raoul Follereau

Celebrou-se no passado dia 26 de janeiro o Dia Mundial dos Leprosos. Mantendo uma colaboração que já se estende há longos anos, o Colégio está a promover mais um peditório a favor da Associação Portuguesa Amigos de Raoul Follereau. Este peditório decorreu durante duas semanas e foi dinamizado pelos alunos do 6º ano.

## "20 erros que custaram 1000 milhões de euros"

Os alunos das turmas de economia do 10º, 11º e 12º anos receberam o autor do livro "20 erros que custaram 1000 milhões de euros", **Gonçalo Perdigão**, no dia 12 de fevereiro. O encontro foi bastante dinâmico tendo os alunos que responder a um desafio, em grupos, lançado pelo autor.



## Encontro com o atleta paraolímpico Jorge Pina

Dia 29 de janeiro, foi um dia especial para os **alunos do 5º ano A e B** que tiveram um encontro com o atleta paraolímpico **Jorge Pina**. Este atleta veio apresentar a Peace Run (também conhecida como Corrida Mundial da Harmonia) uma corrida global de estafeta, onde as pessoas promovem paz, amizade e harmonia pela passagem de uma tocha flamejante de mão em mão. A pertinência desta visita ao nosso colégio deve-se ao facto de Portugal ser o país escolhido para acolher o início da Peace Run Europeia 2014.



## Workshop de Biotecnologia

Nos dias 10 de fevereiro e 11 de março realizou-se um Workshop de Biotecnologia. Esta atividade que foi dinamizada pelos antigos alunos **António Grilo** (Mestre em Engenharia Biológica) e **Pedro Silva** (Mestre em Engenharia Biomédica) teve como principais objetivos: contribuir para analisar criticamente alguns mitos e/ou concepções pessoais relacionadas com biotecnologia; Contribuir para o desenvolvimento de capacidades de analisar criticamente dados relacionados com a utilização de diferentes biotecnologias e formulação de juízos fundamentados. Os alunos do **12ºA** foram desafiados a elaborar trabalhos sobre temas de biotecnologia. A apresentação dos trabalhos realizou-se com a presença dos alunos das turmas de ciência do secundário.



## Conferência com Professora Doutora Teresa Dinis

No dia 12 de fevereiro realizou-se uma conferência subordinada ao tema: Aquacultura: desafios e oportunidades, cuja oradora foi a **Professora Doutora Teresa Dinis**, investigadora da Universidade do Algarve. Estiveram presentes os alunos das turmas de ciências e tecnologias e de ciências sócio-económicas.

## Projecto Teacher In-Service Program

No dia 19 de fevereiro recebemos no Valsassina o **Student Branch do Institute of Electrical and Electronic Engineers**. Este grupo, sediado no Instituto Superior Técnico (IEEE-IST SB), dinamizou junto dos alunos das turmas de Ciências e Tecnologias do secundário o projecto Teacher In-Service Program (TISP) que consiste num conjunto de actividades em que os alunos tentam superar um desafio, com um acesso limitado a certos materiais, tendo assim de usar as suas capacidades intelectuais de modo a encontrar a melhor solução para o problema.



## Grupo de teatro assinalou o Dia Mundial da Língua Materna

No dia 21 de fevereiro de 2014, comemorou-se o Dia Mundial da Língua Materna. O **grupo de teatro** dinamizou atividades no átrio do liceu, e os alunos do **6.º ano** declamaram poemas de autores de língua portuguesa, na rádio do colégio.



## Conferência com Dra Bárbara Bruno

No dia 26 de fevereiro realizou-se uma conferência subordinada ao tema: A mãe de água e o Aqueduto, cuja oradora foi a **Dra. Bárbara Bruno**, Directora do Museu da Água. Estiveram presentes os alunos das turmas de ciências e tecnologias e de ciências sócio-económicas.

## Desfile de Carnaval da Junta de Freguesia de Marvila

No passado dia 28 de fevereiro realizou-se mais um desfile de Carnaval organizado pela freguesia de Marvila. Em plena freguesia de Marvila desfilaram alunos e utentes das várias escolas e associações da comunidade local. Mais uma vez, o Colégio Valsassina esteve presente sendo que este ano foram os alunos do **4º ano** que representaram a nossa escola.



## Aconteceu...

### Alunos do Valsassina participaram na Cimeira das Democracias na Universidade Católica

Alunos de Educação para a Cidadania do 12º ano participaram, no dia 18 de março, na Cimeira das Democracias realizada no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica de Lisboa. Com a supervisão da professora **Ana Paula Oliveira**, os alunos pesquisaram e prepararam-se para representar a delegação Suíça, num debate cujo tema foi “Qual é a maior ameaça à Democracia no meu país e como combatê-la”.



### Alunos do Valsassina plantam “Papel Semente” com apoio da revista “Sábado”

No dia 20 de março a Revista “Sábado” apresentou uma edição especial e inédita. De forma a assinalar a chegada da Primavera e o Dia Mundial da Floresta, a capa da revista é plantável. Ou seja, é feita em papel semente e própria para se arrancar e plantar na terra, de onde nascerão flores silvestres e relva.

Pelo trabalho que o Colégio Valsassina tem desenvolvido no Programa Eco-Escolas, ao longo dos últimos 11 anos, fomos convidados para apresentar o testemunho de uma Eco-Escola no programa da manhã da CMTV. Pode visualizar a nossa participação em [http://cmtv.sapo.pt/programas/manha\\_cm/detalhe/revista-sabado-amiga-do-ambiente.html](http://cmtv.sapo.pt/programas/manha_cm/detalhe/revista-sabado-amiga-do-ambiente.html)

O Dia da Árvore e Dia Mundial da Floresta foi assinalado com ações de plantação de “Papel Semente” que se realizaram na horta do jardim de infância, envolvendo **alunos de 3 e 4 anos**, e na horta urbana que está a cargo do Valsassina, em pleno Vale de Chelas, envolvendo **alunos do 1º ciclo**. A atividade que foi dinamizada por alunos do **7º ano (turma A e B)** e do secundário (da Ass. de Estudantes). Esta atividade não teria sido possível de realizar sem o apoio da **Revista Sábado**, à qual agradecemos a oportunidade e apoio.

### Feira Inspiring Future no Valsassina

No dia 25 de março realizou-se no Valsassina o Inspiring Future. Este é um projeto de responsabilidade social desenvolvido pela equipa da Inspiring que tem como objetivo promover uma feira de orientação vocacional, dirigida sobretudo para os alunos do secundário. Estiveram presentes 19 instituições de ensino superior, de diversas áreas, o que permitiu aos nossos alunos um contacto mais próximo e o esclarecimento de muitas dúvidas.

### Encontro com o escritor Richard Zimler

Realizou-se no passado dia 27 de março um encontro com o escritor **Richard Zimler** que apresentou o livro “O último Cabalista de Lisboa”. A atividade foi promovida pelas disciplinas de Português e História e foi dirigida aos alunos do 9º ano. A sessão decorreu com bastante entusiasmo e participação dos alunos.

### Apresentação do projeto de evocação do centenário da I Grande Guerra no Encontro Nacional SEA-UNESCO

Nos dias 29 e 30 de março realizou-se o encontro Nacional SEA-UNESCO. No dia 29 de março foi apresentada uma comunicação sobre o projeto de evocação do centenário da I Grande Guerra. A face mais visível deste projeto é um blogue (<http://omaormuseudomundo.blogspot.pt/>) que se pretende assumir como um repositório de informação sobre este conflito. A apresentação esteve a cargo da professora **Graça Luís**, coordenadora do Departamento de História.





## Aconteceu no desporto...

### Voleibol Valsassina. 2º Torneio Infantis A

Realizou-se no primeiro fim de semana de fevereiro o 2º Torneio Infantis A. A prestação das nossas equipas foi muito boa: **campeões** e **vice campeões** da prova em masculinos e femininos respetivamente.



### Gym For Life

No dias 8 e 9 de fevereiro decorreu a sexta edição do “Gym For Life”, no pavilhão municipal do Bombarral, organizado pela Federação de Ginástica de Portugal. Participaram mais de 1600 ginastas em representação de mais de 75 classes. A classe do Valsassina obteve uma menção “Bronze”.

### Ténis

#### 1º Torneio do Desporto Escolar – Lisboa Cidade 2013/2014

Os alunos do Ténis do Colégio Valsassina que participaram no 1º Torneio do Desporto Escolar – Lisboa Cidade 2013/2014 obtiveram excelentes resultados com diversos 1ºs e 2ºs lugares. Merecem destaque os alunos: **João Henriques**, 1º lugar em Infantis A Masc.; **Luís Gonçalves**, 1º lugar Juvenis Masc. e, no mesmo escalão, **Luís Vieira** (3º lugar) e **Luís Penim** (5º lugar).

## Vai acontecer... Abril

- Alunos do Valsassina em Missão JRA no Alentejo
- Semana verde
- Dia 22 Abril – Dia Internacional Eco-Escolas e Dia da Terra
- Días da Filosofia

## Maio

- 7 Días com os Media – UNESCO
- Encontro com escritor Nuno Camarneiro
- Semana da Informática
- Semana da Música
- Missa de Finalistas
- Jantar de Finalistas
- Alunos do Valsassina em Missão JRA no Rock in Rio

## Junho

- Concerto da Primavera
- Dia na Escola
- “A minha primeira experiência no mundo do trabalho”

## Próxima edição... Do aprender ao empreender

A edição da Gazeta Valsassina envolve o uso de um recurso natural que vem das árvores, o consumo de energia para produzir o papel, imprimi-lo e transportá-lo, liberta gases com efeito de estufa responsáveis pelo aquecimento global. Caminhando para uma Low Carbon School compensámos as emissões que não conseguimos evitar através do apoio a um projecto que sequestra o dióxido de carbono pelas raízes das plantas e o guarda no solo. A Gazeta Valsassina é carbonfree – livre de emissões de carbono.



